

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



**FILIFE ANTÓNIO MASCARENHAS DOS SANTOS**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
EB 2,3 DR.<sup>a</sup> MARIA ALICE GOUVEIA, JUNTO DA TURMA 8º A, NO ANO LETIVO  
DE 2011/2012**

**COIMBRA**

**2012**

**FILIPPE ANTÓNIO MASCARENHAS DOS SANTOS**

**2006021531**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
EB 2,3 DR.<sup>a</sup> MARIA ALICE GOUVEIA, JUNTO DA TURMA 8º A, NO ANO LETIVO  
DE 2011/2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção de grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

**Orientador: Antero Abreu**

**COIMBRA**

**2012**

Santos, F. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola EB 2,3 Dr.ª Maria Alice Gouveia, junto da turma 8º A, no ano letivo de 2011/2012*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

## **AGRADECIMENTOS**

**Aos meus pais, pelo suporte e apoio incondicional demonstrado, na continuação da minha formação acadêmica.**

**À minha namorada, pela compreensão e apoio concedido nas alturas em que o estado anímico não era o mais favorável.**

**Ao professor Norberto Alves, pela forma como nos transmitiu os seus conhecimentos.**

**Aos meus colegas de Núcleo de Estágio, João Teixeira e Teresa Torrão, pela partilha de conhecimentos e pelo espírito de grupo evidenciado.**

**Ao professor Antero Abreu, pela instrução e motivação fornecida, promovendo o nosso desenvolvimento no exercício da docência.**

**Ao Hugo Carneiro, minha chefia direta, que tudo fez para que eu conseguisse conciliar o estágio pedagógico, com a minha atividade profissional.**

**A todos eles, os meus profundos e sentidos AGRADECIMENTOS.**

Eu, Filipe António Mascarenhas dos Santos, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

## RESUMO

Através deste documento procuro realizar um balanço final, sobre as atividades desenvolvidas neste ano letivo, descrevendo as ações por mim executadas, no âmbito do estágio pedagógico proporcionado pelo Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, que decorreu entre setembro de 2011 e maio de 2012, no agrupamento de escolas EB 2, 3 Dr.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Alice Gouveia. O estágio pedagógico foi realizado com vista à obtenção da profissionalização docente, condição indispensável para que possa lecionar em contexto escolar, consistindo na minha preparação enquanto aluno para a futura e difícil função de docente do sistema de ensino português. Durante este percurso tive sempre o apoio e a cooperação de outros docentes especializados e experientes na área da Educação Física, que em muito contribuíram para os resultados alcançados. Neste documento irei descrever as minhas vivências no decorrer deste ano letivo, procurarei expor as situações vivenciadas, as dificuldades sentidas e as aprendizagens realizadas que mais se destacaram no decorrer deste ano letivo, que acima de tudo posso classificar como exaustivo e complexo, mas em simultâneo produtivo e muito gratificante. Sabendo de antemão das dificuldades inerentes para que este documento seja o reflexo fidedigno de todo o trabalho desenvolvido ao longo deste percurso, tenciono salientar as questões mais relevantes e por consequência objeto de uma reflexão e exposição pormenorizada, tentando de alguma forma aproximar o mais possível à realidade de um ano de trabalho.

**Palavras-chave:** Estágio pedagógico. Professor de Educação Física. Formação. Ensino-Aprendizagem. Ética profissional. Planeamento. Realização. Avaliação.

## **ABSTRACT**

*With this document I am trying to make a final assessment of the activities developed this academic year, by describing the actions carried out by me, within the program of pedagogical training offered by the Masters Degree in Physical Education Teaching in Elementary and Secondary Schools, which ran between September 2011 and May 2012, in EB 2, 3 Dr. M<sup>a</sup> Alice Gouveia School Group. The internship training was taken in order to achieve professional status as a teacher, indispensable condition for teaching in school context, and consisted in my preparation as a student for the future and difficult task of teaching in the portuguese school system. During this journey I had always the support and cooperation of other specialized and experienced Physical Education teachers, who were great contributors to the achieved results. In this paper I will describe my experiences, try to reveal the situations I lived, the difficulties felt and what stood out from what I learned in the course of this academic year, which above all I can classify as exhausting and complex as well as productive and very rewarding. Knowing beforehand the inherent difficulties in making this document a true reflection of all the work developed throughout this journey, I intend to point out the most relevant issues, and consequently the object of reflection and detailed exposition, trying somehow to bring it as close as possible to the reality of a year of work.*

**Keywords:** *Teaching practice. Physical education teacher. Formation. Teaching learning. Professional ethics. Planning. Performance. Evaluation.*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>VII</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA</b> .....	<b>2</b>
2.1. EXPECTATIVAS INICIAIS.....	2
2.2. ENQUADRAMENTO DO MEIO ESCOLAR.....	3
<b>3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b> .....	<b>6</b>
3.1. PLANEAMENTO.....	6
3.1.1 Planeamento Anual .....	6
3.1.2 Planeamento UD .....	7
3.1.3 Planos de Aula.....	8
3.2. REALIZAÇÃO .....	10
3.2.1 Instrução/Feedbacks .....	10
3.2.2 Organização/Gestão.....	12
3.2.3 Clima/Disciplina .....	13
3.2.4 Decisões de Ajustamento.....	15
3.3. AVALIAÇÃO .....	17
3.3.1 Avaliação Diagnóstica .....	19
3.3.2 Avaliação Formativa .....	21
3.3.3 Avaliação Sumativa .....	22
3.4. COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL.....	23
<b>4. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS</b> .....	<b>26</b>
<b>5. REFLEXÃO</b> .....	<b>29</b>
5.1. ENSINO-APRENDIZAGEM.....	29
5.2. DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO .....	31
5.3. TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO .....	32
5.4. ÉTICA PROFISSIONAL.....	33
5.5. QUESTÕES DILEMÁTICAS .....	34
<b>6. APROFUNDAMENTO DO TEMA - ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS</b> .....	<b>37</b>
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	<b>43</b>
7.1. IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE ESCOLAR.....	43
7.2. PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA .....	44
7.3. EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL .....	46
<b>8. BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>48</b>
<b>9. ANEXOS</b> .....	<b>50</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Este relatório final de estágio, insere-se no âmbito da unidade curricular Relatório de Estágio, do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, da Universidade de Coimbra.

A elaboração deste relatório tem como principais objetivos, a apresentação detalhada de todos os aspetos relevantes que aconteceram ao longo deste ano letivo, bem como efetuar uma reflexão sobre todas as aprendizagens desenvolvidas, no meu processo de formação para professor de Educação Física.

O Estágio Pedagógico tem um papel fundamental para a nossa formação, enquanto futuros docentes de Educação Física, segundo Frontoura (2005), “ o estágio pedagógico surge como um momento fundamental enquanto processo de transição de aluno para professor, conjugando-se aí fatores importantes a ter em conta na formação e desenvolvimento do futuro professor, entre os quais se salientam o contacto com a realidade de ensino, que para a maioria dos estagiários é o primeiro contacto real com a escola”, ou seja, é o momento em que podemos relacionar tudo o que aprendemos no nosso percurso académico na FCDEF-UC e testarmos a sua aplicabilidade na realidade escolar. Este ano letivo foi o culminar de um processo formativo, onde podemos colocar em prática tarefas de planeamento, realização e avaliação e que nos permitiu tomar consciência da importância dos conhecimentos adquiridos e da sua aplicação no processo de ensino-aprendizagem.

No fundo, com este relatório pretendo descrever todo o trabalho desenvolvido, com um carácter refletivo, relatando todas as dificuldades e sucessos percecionados, na minha primeira experiência como professor de Educação Física.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA**

### **2.1. Expectativas iniciais**

Aguardei com grande expectativa o início deste ano letivo, pois para mim seria o alcançar de um grande objetivo. Desde a minha adolescência que gostava de ser professor de Educação Física, pois aliava o meu gosto e aptidão pelo desporto, com a interação com os alunos/crianças, logo a minha expectativa/ansiedade era muito grande.

O meu percurso antes de ingressar na FCDEF-UC, terá sido diferente da maioria dos alunos que frequentaram este mestrado, pois trabalhava numa área profissional totalmente diferente da área do desporto, não sentindo realização profissional e não tendo qualquer prazer naquilo que fazia. Quando completei trinta anos, questionei-me se seria aquilo que pretendia para o resto da minha vida, chegando à conclusão, que não era aquilo que pretendia. Decidi então, que iria tentar alcançar uma profissão que me desse prazer e trouxesse um sentimento de realização profissional, nesse sentido candidatei-me ao curso de Educação Física da FCDEF-UC, com o intuito de me tornar professor de Educação Física. Chegado o momento de iniciar o estágio pedagógico, teria finalmente a possibilidade de verificar quais as minhas reais capacidades e poder constatar se iria ser uma profissão que me iria trazer um sentimento de realização pessoal e profissional.

Antes de iniciar este ano letivo sentia um misto de ansiedade, receio e alegria, pois aguardava este momento à algum tempo, por ser o culminar da minha formação académica e por finalmente poder relacionar todo o conhecimento adquirido com o objetivo final da formação, pelo facto de não saber de como iria ser o meu desempenho como professor e por ir desempenhar uma função à muito desejada.

Enfrentar todo um conjunto de situações novas, para as quais não sabia se estava preparado, criavam-me algum desconforto, essencialmente com a insegurança na lecionação de algumas modalidades, bem como a possibilidade de encontrar alunos com comportamentos menos adequados, que dificultassem o processo de ensino – aprendizagem.

Para além dos fatores acima referidos, a constituição do grupo de trabalho era outro aspeto que me criava alguma apreensão, pois não conhecia os restantes elementos do núcleo e como sabia que seria um ano que em que o trabalho de

grupo e a partilha de conhecimentos seria muito importante para o nosso desenvolvimento, estava ansioso para os conhecer e verificar se iríamos conseguir trabalhar verdadeiramente em grupo.

No que diz respeito à escola, como tinha estudado lá, já sabia quais as condições que nos poderia oferecer, embora sentisse alguma apreensão de como iria ser feita a gestão dos espaços, de como iriam ser abordadas as várias unidades didáticas e de como iria ser o relacionamento com os outros professores e restantes funcionários.

Sabendo de antemão que iria ser um ano de muito trabalho e de muita entrega, estava curioso de como iria conseguir gerir o meu tempo, para conciliar a minha atividade profissional com o estágio pedagógico.

Tendo muito presente na minha mente, que a prática é uma das componentes mais importantes para aprendermos algo, aguardava ansiosamente pelo início do estágio pedagógico, pois finalmente iria poder praticar, todo o conhecimento adquirido, sabendo que iria ter um acompanhamento muito próximo e que me iria, sugerir/indicar qual o caminho a seguir.

No fundo era um momento muito aguardado, mas que me criava um misto de emoções de alegria, ansiedade e receio.

## **2.2. Enquadramento do meio escolar**

O nosso primeiro encontro com o nosso orientador de escola, serviu para nos conhecermos e para ficarmos a conhecer as condições da escola, onde também nos foram transmitidas algumas informações gerais sobre a escola.

No que diz respeito às condições da escola para a Educação Física, verificámos que a escola tinha as condições necessárias, para conseguirmos desenvolver um bom trabalho e para serem abordadas uma grande variedade de unidades didáticas. A escola é constituída por uma sala de ginástica, por um ginásio com marcações de voleibol, badminton, basquetebol, andebol e futsal e por dois campos exteriores de grande dimensão que permitem abordar o atletismo, voleibol, basquetebol, futebol, andebol e ténis.

O professor Norberto Alves, informou-nos que a escola é considerada uma escola modelo, apresentando um corpo docente estável e com um ambiente muito

saudável entre professores, informou-nos também que a maioria dos alunos, não apresentam problemas graves de comportamento e que os professores estagiários são por norma bem aceites e integrados no ambiente escolar, não existindo distinção entre estagiários e professores titulares. Apresentou-nos também a diretora e o vice-diretor da escola, onde podemos constatar o referido anteriormente.

Nas reuniões seguintes tivemos oportunidade de nos irmos conhecendo melhor, de conhecer os restantes professores do grupo disciplinar de EF e perceber de como iria ser organizado o ano letivo, no que diz respeito às UD a abordar, a sua distribuição e quais as atividades que o grupo iria organizar. Aqui também sentimos uma boa aceitação dos restantes professores de EF, demonstrando-nos logo que estariam disponíveis para nos ajudar no que fosse necessário.

Antes do início das aulas também fomos contactando com os auxiliares de ação educativa dos ginásios e dos campos exteriores e também percebemos logo, que não nos iriam trazer qualquer entrave ao desenrolar normal do nosso estágio.

Desde o primeiro contacto com o professor Norberto Alves, que fiquei com a impressão que estaria em contacto com uma pessoa especial e que teria que aproveitar ao máximo todo o conhecimento que ele nos podia transmitir.

Numa das reuniões anteriores ao início do ano letivo, fizemos a distribuição das turmas que iríamos lecionar, ficando decidido que todos iríamos acompanhar uma turma do 8º ano, para que estivéssemos todos em igualdade de circunstâncias, no que diz respeito ao tipo de alunos e nível de matérias a abordar. Foi-me atribuído o 8ºA, que nunca tinha aulas de EF da parte da tarde e assim seria possível conciliar a minha atividade profissional com o estágio pedagógico, segundo informação do professor Norberto Alves que já tinha acompanhado esta turma no ano anterior, esta não demonstrava um grande desempenho psicomotor e tinha alguns alunos com um comportamento mais desviante, sendo necessário desde o início das atividades letivas, uma atenção especial sobre esses alunos.

Na primeira reunião de Conselho de Turma no dia treze de setembro, tive a oportunidade de ficar com um conhecimento mais aprofundado sobre a minha turma e onde foram concertadas estratégias globais, para que todos os professores agissem de forma homogénea. Relativamente aos alunos, após esta reunião fiquei com a perceção que era uma turma heterogénea, com um grupo de alunos bem comportados e com boas notas e outro grupo com mais dificuldades de concentração, logo, com resultados escolares menos satisfatórios.

Fiquei, também, muito satisfeito quando conheci o nosso orientador, o professor Antero Abreu, pelo facto de ser um professor de EF no ativo, o que eu considero ser uma mais valia para o nosso Núcleo de Estágio, pois conhece bem a realidade escolar e dessa forma poderia contribuir muito para o nosso desenvolvimento.

A minha escolha sobre esta escola esteve relacionada com o facto de ser muito perto da minha habitação e por lá ter estudado, por isso não conhecia nem tinha qualquer referência sobre os meus colegas de núcleo e respetivo orientador de escola. Embora tenha sido um tiro no escuro, acho que não poderia ter escolhido melhor, pois encontrei uma escola que me deu todas as condições para desenvolver o meu trabalho, um Núcleo de Estágio muito empenhado, com um forte espírito de grupo e um orientador e orientador de escola com muito conhecimento e com vontade de ensinar.

### **3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

#### **3.1. Planeamento**

Segundo Arens, R. (1995), “A elaboração de um plano a longo prazo será o ponto de partida para se preparar o ensino e terá de ser exequível, didaticamente rigoroso, baseado no programa e na caracterização da escola, meio e turma”, nesse sentido tencionava fazer um planeamento adequado às condições da escola, às características dos alunos, seguindo as diretrizes do Programa Nacional de EF e com objetivos ambiciosos mas que fossem alcançáveis.

##### **3.1.1 Planeamento Anual**

No que diz respeito ao planeamento anual, não tivemos grande possibilidade de intervenção e ficámos condicionados ao planeamento anual existente na escola, onde já estavam definidas as unidades didáticas a abordar em cada ano de escolaridade e em que período seriam abordados, pois desta forma torna-se muito fácil a gestão dos espaços disponíveis para a prática e respetiva rotação. Assim ficou definido que iríamos abordar, a ginástica de solo, o futebol e o basquetebol no primeiro período, o andebol, o voleibol e a ginástica de aparelhos no segundo e no terceiro seria a vez de abordarmos o badminton e atletismo, fazendo sempre que possível uma abordagem os desportos coletivos abordados nos períodos anteriores. Embora esta situação nos tenha sido imposta, não vimos qualquer inconveniente e achámos muito interessante o facto de no último período os alunos abordarem novamente os desportos coletivos, para que não fiquem muito tempo sem praticar uma modalidade. Dando o exemplo do basquetebol que foi abordado no primeiro período, caso os alunos só tivessem novamente basquetebol no terceiro período do próximo ano, iriam ficar mais de um ano sem contacto com essa modalidade, o que nós achamos que não é muito benéfico para aprendizagem, desta forma estamos a reduzir o tempo de inatividade numa determinada matéria, que achamos ser mais benéfico para a aquisição de padrões motores específicos da modalidade.

No que diz respeito à organização/realização de atividades na escola, foi-nos proposto a organização de algumas atividades com muita tradição na escola e que eram por norma organizadas pelo Núcleo de Estágio. As atividades em causa foram

o corta-mato escolar, o mega-sprinter e as olimpíadas da casa branca, que nós aceitámos organizar no âmbito da unidade curricular Projetos e Parcerias.

Relativamente ao planeamento tivemos então que fazer uma projeção de quantas aulas iríamos dar no total, quantas aulas por UD e respetiva gestão do espaço. Planeamento esse, que sofreu inúmeras alterações e correções, pois existiram muitas correções ao sistema de rotação o que vinha alterar tudo o que vinha para a frente, sendo necessário efetuar muitos ajustamentos e correções.

No decorrer do ano letivo também foi necessário estar a ajustar constantemente este planeamento, pois existiram situações em que não demos a modalidade que pretendíamos, pelo facto de as condições meteorológicas não o permitirem ou porque, por algum outro motivo não podemos dar aula, como por exemplo, visitas de estudo, idas ao teatro, olimpíadas e participação em sessões de esclarecimento, sendo necessário estar constantemente a fazer ajustamentos de maneira a conseguirmos atingir os objetivos definidos para cada UD. Ao elaborar o planeamento anual, optei sempre por tentar colocar várias aulas seguidas da mesma modalidade, para assim ser mais fácil para os alunos o relacionamento com as matérias abordadas nas aulas anteriores, no entanto, devido aos constrangimentos referidos anteriormente, isso nem sempre foi possível.

### 3.1.2 Planeamento UD

O planeamento da UD, começou a ser realizado nas duas semanas anteriores ao início das aulas, com a leitura atenta do Programa Nacional de EF para o 3º ciclo, tendo a sua continuidade após a realização da avaliação diagnóstica, que nos mostrou o nível inicial dos alunos, permitindo-nos fazer o planeamento da UD e quais os objetivos que nós acharíamos possíveis de alcançar com a nossa turma, sabendo de antemão que os objetivos têm que ser ambiciosos, desafiantes, mas alcançáveis, partimos do princípio que iríamos organizar as várias matérias, partindo do mais simples para o mais complexo e que o planeamento poderia não ser estanque, que poderia ser alterado conforme o desempenho demonstrado pelos alunos.

Após análise dos dados recolhidos na avaliação diagnóstica, planeámos a extensão de conteúdos para cada UD, onde definimos as metas que deveriam ser alcançadas, a sequência dos conteúdos a abordar e os momentos dos vários tipos

de avaliação. Este planeamento, para os jogos desportivos coletivos, foi baseado no pensamento de ensinarmos os alunos a jogar e não a executarem gestos técnicos de uma forma analítica, ou seja, a aprendizagem do gesto técnico teria que ser maioritariamente integrada em exercícios onde a capacidade de decisão também estivesse envolvida, só em situação em que os alunos estivessem num nível muito baixo é que introduziríamos os exercícios analíticos, de forma a dar-lhes capacidades técnicas que lhes permitissem terem algum sucesso em situação de jogo.

Por sugestão do nosso orientador de escola, fomos construindo para todas as UD, uma grelha de dez exercícios que achássemos, serem representativos de todas as aprendizagens a obter pelos alunos e que depois poderíamos utilizar no planeamento da aula. O objetivo era arranjar uma grelha com os melhores dez exercícios para cada modalidade e respetivas variantes, para que pudéssemos utilizar os exercícios dessa grelha no planeamento da aula.

Na elaboração das respetivas UD foi elaborada também uma análise a cada matéria/modalidade, fazendo uma descrição da sua história, regras, gestos técnicos principais e conteúdos técnico-táticos específicos.

Fomos, também, acrescentando ao longo do tempo, as estratégias de ensino utilizadas, as progressões pedagógicas, os relatórios das avaliações e o balanço final.

No final ficámos com um documento com muita informação sobre cada modalidade e que nos poderá ser muito útil em situações futuras, pois depois de concluída ficou com toda a informação necessária para planear, realizar e avaliar uma UD.

### 3.1.3 Planos de Aula

A elaboração dos planos de aula foi sofrendo uma evolução significativa, com a contribuição dos nossos orientador de estágio e orientador de escola, que nos foram dando algumas sugestões, que contribuíram para que os nossos planos tivessem toda a informação necessária e com uma organização que facilitava a sua leitura. Inicialmente, cada estagiário criava os seus planos de aula, existindo algumas diferenças na sua organização, embora a informação existente fosse muito



semelhante, por sugestão do professor Antero Abreu, reunimo-nos e criámos um plano base, que passou a ser utilizado por todos, ficando com uma apresentação mais coerente e de fácil leitura (anexo 1). Dividimos o plano em três partes o cabeçalho com informação relativa à data, ao período em causa, à UD, à função didática e mais alguma informação relevante. A parte destinada à aula, ficou com a informação relativa à descrição/organização do exercício, os objetivos de cada exercício, os seus critérios de êxito e quais as estratégias de ensino a utilizar. A parte final ficou destinada à fundamentação da aula, onde nós tivemos a possibilidade de justificar as nossas escolhas e o motivo que nos levou a organizar o plano daquela forma e ao relatório reflexivo da nossa aula, onde eram incluídas as sugestões e análises discutidas na reunião de Núcleo de Estágio, permitindo-nos fazer uma reflexão sobre o que tinha acontecido e pensarmos na forma de resolver certas dificuldades com que nos tínhamos deparado.

O tempo de preparação de um plano de aula foi sendo reduzido substancialmente, no início do primeiro período, a preparação de um plano de aula demoraria pelo menos duas horas, no final do ano letivo o tempo dispendido para elaborar um plano de aula raramente ultrapassou a meia hora, contribuindo muito para isso a utilização da grelha com os dez melhores exercícios para cada modalidade, pois desta forma após análise do que seria necessário trabalhar em determinada aula, só tínhamos que ir à grelha verificar os exercícios ideais para trabalhar esse objetivo e colocar a informação contida nessa grelha no nosso plano de aula.

Segundo Bento (2003), “o ensino mediante planificação e análise adquire os contornos de uma atividade racional e humana, mas também liberta o professor de determinadas preocupações, ficando disponível para a vivência de cada aula como um ato criativo”.

Desde início do ano letivo que sabíamos que embora o planeamento de aula fosse muito bem pensado e muitas vezes discutido com os outros colegas de núcleo, não o teríamos que seguir à risca, pois seria natural que nesta fase de aprendizagem, que alguns exercícios que nos pareciam bem no papel, depois não fossem resultar como estava planeado, não sendo possível atingir os objetivos definidos, sendo notório que no início do ano elaborei alguns planos em que essa situação aconteceu. Conforme as conversas tidas nas nossa reuniões, em que nos era sugerido para criarmos rotinas aos alunos, fomos criando exercícios que

tivessem alguma ligação com exercícios já abordados nas aulas, permitindo que os alunos se fossem habituando as rotinas por nós impostas e assim ser muito mais fácil a instrução e gastando menos tempo nas transições entre exercícios.

No que diz respeito à fundamentação das nossas aulas, acho que também se notou uma evolução significativa, facto esse referenciado pelos nossos orientador de estágio e orientador de escola, que acharam que no decorrer do terceiro período as nossas fundamentações tinham coerência e estavam relacionadas com o plano elaborado.

## **3.2. Realização**

### **3.2.1 Instrução/Feedbacks**

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dá-se com a realização do plano de aula e através da intervenção do professor em diversos aspetos sendo um deles a instrução. Julgo que este é um dos aspetos mais importantes para o bom desenrolar de uma aula, pois mesmo que tenhamos um excelente plano de aula, se não conseguirmos transmitir o que queremos e não corrigirmos/ensinarmos os alunos, a aula não conseguirá atingir os objetivos pretendidos, pois a forma como comunicamos e como agimos irá influenciar a forma como as aulas irão decorrer, sendo que, uma das maneiras de conseguirmos a nossa liderança sobre os alunos, estaria relacionada com a forma como comunicamos e interagimos com eles.

A preleção inicial e final tinham como objetivo a contextualização da aula com a UD em causa, sendo que na preleção inicial era realizada a transmissão dos objetivos da aula, conteúdos a abordar e quais as finalidades da aula, já na preleção final realizava uma revisão dos conteúdos, uma análise da aula e a ligação (extensão) com a aula seguinte. Nestas duas situações fui notando uma evolução do meu desempenho, pois aos poucos fui conseguindo ser mais objetivo e mais claro na minha instrução, não gastando muito tempo nestes dois períodos.

Relativamente à instrução/explicação dos exercícios, também foi um processo evolutivo, sendo muito importante o facto de ir criando rotinas nos alunos, pois muitos dos exercícios utilizados em várias modalidades tinham bases comuns o que facilitava a explicação e organização dos mesmos. No início do primeiro período, por

vezes demorava algum tempo a explicar os exercícios, porque me esquecia de referir algum aspeto importante para o sucesso do exercício e tinha que parar o exercício para dar nova instrução, ou porque os alunos não percebiam o exercício. Para evitar que essas situações acontecessem, tentei sempre escolher exercícios que estivessem de certa forma relacionados, onde eram alteradas algumas variáveis de acordo com os objetivos pretendidos, desta forma tinha a garantia que os alunos iriam perceber o exercício à primeira e que eu não me iria esquecer de referir nenhum aspeto importante. Notei também que sempre que introduzia um exercício com uma organização diferente do habitual, tinha que ser mais minucioso na instrução e mesmo assim por vezes não corria tão bem como eu esperava, no entanto, se esse exercício fosse abordado na aula seguinte, era notório que os alunos rapidamente agiam de acordo com o planeado. Este facto veio ao encontro da sugestão do nosso orientador, que ao criarmos rotinas aos alunos, iríamos ter muito mais facilidade na instrução e na organização da aula.

No que diz respeito aos *feedbacks*, julgo que também houve uma evolução positiva e a minha intervenção, uma aula do primeiro período, não tem nada a ver com uma aula do segundo ou terceiro período, pois a quantidade de *feedbacks* emitidos aumentou exponencialmente. Embora tenha aumentado o número de *feedbacks* emitidos, julgo que ainda continuo com dificuldade em transmitir informação objetiva e pertinente, nas situações de superioridade numérica e jogo formal, nos jogos desportivos coletivos, onde existe invasão do campo adversário, ou seja, nestas situações tive dificuldade em identificar os erros que os alunos estavam a cometer e limitei-me a dar informações relativas ao seu posicionamento em situação de ataque ou de defesa. Acho que neste aspeto vou necessitar de mais prática para treinar a minha observação. No que diz respeito a emissão de *feedbacks* nas outras situações mais analíticas e nas outras modalidades onde não existia evasão do campo adversário, já consegui detetar mais facilmente os principais erros e emitir os *feedbacks* que permitissem a correção do erro, o tipo de *feedbacks* que mais utilizei, foram os interrogativos, os prescritivos, o reforço positivo e os coletivos, sendo que no último período já consegui fechar o ciclo com mais frequência.

Senti uma grande dificuldade no início do ano na minha comunicação, relacionada com a minha capacidade de projeção de voz, pois tinha dificuldades em me fazer ouvir, acabando a maioria das aulas com algumas irritações na garganta,

motivadas pelo meu esforço em conseguir chegar a informação a todos os alunos, dando origem a que algumas vezes chamasse os alunos para perto de mim para dar a instrução seguinte, o que ia no sentido contrário do que era pretendido, pois o tempo que os alunos demoravam a chegar até mim e regressassem às suas posições era tempo que os alunos poderiam ter aproveitado em empenhamento motor dentro da tarefa. Aos poucos fui melhorando a minha capacidade de projeção de voz e conseqüentemente já conseguia que todos os alunos me ouvissem sem ter a necessidade de os chamar para perto de mim. Este facto também foi visível na percepção da minha presença por parte dos alunos, pois sendo mais audível conseguia mostrar mais a minha presença na aula, fazendo com que os alunos se empenhassem e se esforçassem mais.

Relativamente à demonstração, no primeiro período, nas primeiras aulas, como desconhecia o grau de desempenho dos alunos, fui eu a fazer a demonstração, passado umas aulas quando comecei a verificar qual o nível dos alunos nas várias modalidades, comecei a utilizar os melhores alunos para fazerem a demonstração, noutras situações em que a demonstração não era tão difícil utilizava um aluno mediano, que me desse garantias que conseguiria servir de modelo para os colegas.

### 3.2.2 Organização/Gestão

Segundo Marques (2004), “Como o tempo horário é fixo, para que o tempo de empenhamento motor seja maximizado, os períodos de instrução e a duração e o número de episódios de organização deverão ser minimizados”.

Julgo que este terá sido um dos domínios onde senti menos dificuldade, pois enquanto elaborava os planos de aula, procurei levar sempre em consideração os aspetos que poderiam influenciar a fluidez da aula. No entanto durante o primeiro período ainda aconteceram algumas situações em que a organização não terá sido a melhor para a fluidez da aula e para o tempo de empenhamento motor dos alunos, situações essas prontamente detetadas pelo nosso orientador de escola e discutidas nas nossas reuniões semanais, com respetiva reflexão e procura de soluções sendo rapidamente resolvidas nas aulas subsequentes.

Para os planeamentos das aulas fui instituindo princípios basilares, em primeiro lugar, sempre que possível, os diferentes exercícios a abordar numa aula,

deveriam obedecer aproximadamente à mesma estrutura e os materiais a utilizar deveriam ser semelhantes, conseguindo desta forma economizar muito tempo na transição entre tarefas, sempre que tinha um aluno que não estivesse a realizar a aula e fosse necessário alguma colocação de material didático, recorri a esse aluno para me ajudar na organização e colocação do material. Um outro princípio baseava-se na organização dos grupos de trabalho, constituindo sempre os grupos previamente e após a sua constituição, mantinham-se até ao final da aula. Por norma os exercícios que requeriam mais material eram utilizados no início da aula, estando já colocados quando os alunos chegassem para a aula, após o exercício rapidamente os alunos retiravam o material sem ser necessário perder muito tempo neste tipo de operações. Existiu sempre entreajuda entre os estagiários para montar o material necessário para a aula, estando na maioria das vezes, todos presentes quinze minutos antes do início da aula.

Julgo que a maioria das vezes que tive alguma dificuldade com a gestão do tempo, esteve relacionada com o tempo dispendido para a instrução e não com tempo utilizado para a organização ou transição de um exercício para o outro.

No que diz respeito ao meu posicionamento, penso que desde início fui mantendo um posicionamento, que me permitisse ter toda a turma no meu campo de visão. Assim, onde senti mais dificuldade em conseguir ter todos os alunos no meu campo visual foi nas aulas de ginástica, que por norma foram organizadas em estações e quando estava mais focado numa estação, embora estivesse posicionado corretamente para conseguir ver toda a turma, acabava por me focar demasiado na estação em que estava presente, deixando de estar atento às outras, o que por vezes deu origem a comportamentos fora da tarefa. Só no segundo período em que dei ginástica de aparelhos é que já conseguia estar toda a aula na estação que oferecia uma maior risco de segurança e ia dando informação para as outras estações, fazendo ver aos alunos que eu estava atento ao que eles estavam a fazer e que os exercícios eram para ser feitos corretamente, levando a que os alunos estivessem mais concentrados na tarefa que estavam a realizar.

### 3.2.3 Clima/Disciplina

Ao contrário do domínio apresentado anteriormente, este deverá ter sido o domínio onde tive mais dificuldades em evoluir. O meu objetivo era conseguir umas

aulas dinâmicas e motivantes, para que os alunos se empenhassem bastante e não dessem pelo tempo a passar. Por outro lado pretendia estabelecer uma disciplina bastante rigorosa, para que os alunos não saíssem da tarefa e fizessem tudo aquilo que estava delineado. Unir estas duas valências seria para mim o sinónimo de boa aula, pois os alunos teriam terminado a aula com vontade de regressar e não existiriam problemas de segurança relacionados com comportamentos fora da tarefa.

Ao observar as aulas do nosso orientador de escola, verifiquei que isso seria possível, pois foram sempre aulas bastantes dinâmicas, que iam de encontro aos objetivos da UD e com uma liderança muito forte, não sendo permitido qualquer comportamento fora da tarefa, onde era possível verificar que os alunos estavam a ter prazer na realização da aula.

No que diz respeito ao clima da aula acho que consegui planear umas aulas motivantes e dinâmicas, tendo na sua maioria muito tempo de empenhamento motor na tarefa, julgo que a maioria dos alunos sentiu prazer a realizar as aulas de EF, não se verificando muitas dispensas com justificações duvidosas, principalmente a partir do segundo período. Julgo que as poucas dispensas concedidas tiveram justificações válidas, dando-me a atender que os alunos gostavam de participar nas aulas.

Relativamente à disciplina, acho que ainda tenho que continuar a praticar a minha liderança, para conseguir dar umas aulas idênticas às do meu orientador de escola. Embora a turma não apresentasse problemas de disciplina graves, existiam três ou quatro alunos com mais dificuldade de concentração e que necessitavam de uma maior atenção da minha parte e chamadas de atenção mais frequentes. Este é um aspeto que ainda me trás alguma preocupação, porque acho que a minha turma não era difícil de controlar, mas não sei como irá ser o meu desempenho com uma turma com problemas graves de comportamento.

Fui sentindo uma evolução no meu controlo sobre os alunos e acho que no final do ano os alunos já tinham interiorizado os limites onde podiam atuar, só existiu um comportamento grave no decorrer do ano, em que um aluno fez uma falta com intenção de derrubar o colega e caso não existisse a minha intervenção julgo que teriam partido para a agressão. Como estava a acompanhar a jogada, mal foi cometida a falta fiz notar a minha presença com um apito forte e quando eles se levantaram já estava ao pé deles, chamei-os à parte e enquanto os colegas foram

continuando o jogo, tive uma conversa com eles, onde demonstrei o meu descontentamento e que aquele tipo de atitudes não era aceitável nas minhas aulas de EF, tendo o aluno reconhecido o erro e pedindo desculpa ao colega. No final da aula quando fiz o balanço da aula, com todos os alunos presentes, voltei a referir aquele acontecimento, onde voltei a demonstrar o meu descontentamento com aquele tipo de atitude e fazendo novo reforço que não eram toleráveis. Penso que a mensagem foi interiorizada, pois nunca mais se verificou nenhum comportamento idêntico.

No início do ano senti algumas dificuldades em dar a instrução com todos os alunos concentrados e a ouvir a minha explicação, no entanto fui notando uma evolução gradual nesse aspeto e no final do ano só em situações muito esporádicas é que se notou esse tipo de comportamento.

No decorrer deste ano fiquei com a perceção, que quanto mais motivante for a aula menos desvios de comportamento irão existir, pois quanto mais concentrados eles estiverem melhor será o seu comportamento, quando os exercícios se revelam muito monótonos e pouco desafiantes, os alunos tendem a perder a concentração facilmente, o que vai dar origem a desvios de comportamento.

Ao chegar ao fim deste processo formativo, acho que a liderança, ainda é um aspeto em desenvolvimento no meu desempenho como professor.

#### 3.2.4 Decisões de Ajustamento

Sendo o processo de ensino-aprendizagem muito suscetível a adaptações e decisões de ajustamento, partia do princípio que iria ser necessário ter alguma capacidade para redefinir prioridades e objetivos, após análise dos dados recolhidos, assim como seria necessário em várias situações ter uma capacidade de decisão no momento, para ajustar/corriger algo que não estivesse a ir de encontro aos objetivos pré-definidos.

No que diz respeito às decisões de ajustamento onde era necessária alguma reflexão, não senti grande dificuldade em arranjar maneiras de alterar o que estava planeado, sem nunca perder o foco nos objetivos que pretendia alcançar. Exemplo disso foram as inúmeras alterações efetuadas no nosso planeamento anual, ou na reformulação de objetivos a alcançar nas modalidades abordadas no primeiro período, pois tinha inicialmente definido objetivos gerais mais ambiciosos e com o

passar das aulas, fui verificando que os alunos, com o número de aulas que ainda faltavam, não teriam a possibilidade de os atingir, pensei que os alunos fossem ter uma evolução mais significativa, o que não se veio a verificar tendo que reformular/ajustar a minha estratégia.

Relativamente às decisões de ajustamento no momento, senti algumas dificuldades iniciais e existiram situações no primeiro período em que não consegui solucionar algumas contrariedades com que me deparei, numa fase posterior enquanto elaborava o plano de aula, já tinha em consideração algumas situações que pudessem acontecer e refletia sobre as possíveis soluções, estivessem elas relacionadas com o sucesso do exercício e necessidade da sua substituição, com o ajustamento relacionado com o número de alunos por grupo, ou com quem deveria constituir o grupo.

Durante o segundo período já não senti tanta necessidade de me preparar para o imprevisto, pois já tinha a experiência do primeiro período e facilmente consegui arranjar uma solução que me permitisse atingir os objetivos pré-definidos.

No terceiro período já me senti perfeitamente à vontade nas decisões de ajustamento, conseguindo por norma arranjar uma solução rápida e eficaz, para a sua resolução. Por exemplo, no terceiro período, durante uma aula de badminton em que pretendia fazer os últimos vinte cinco minutos nos campos exteriores com outra modalidade, fui informado no decorrer da aula pelo coorientador, que outro professor teve necessidade de utilizar os campos exteriores e que eu teria que continuar no espaço em que estava, não senti qualquer dificuldade em introduzir novos exercícios que estivessem de acordo com os objetivos gerais e sem que a aula tivesse por isso ficado mais monótona. Acho que esta capacidade de ajustamento está intimamente ligada, com a experiência enquanto professor, pois um professor com mais vivência de ensino, tem sempre uma carta na manga para a maioria das situações, pois já passou por tantas experiências diferentes, que rapidamente arranja uma solução para o imprevisto, enquanto que um professor com menos vivência de ensino terá sempre mais dificuldades em arranjar uma solução. Embora a minha experiência como professor seja muito diminuta, acho que houve uma evolução significativa neste campo, do primeiro para o terceiro período.

Outro fator que poderia por à prova a nossa capacidade de ajustamento, esteve relacionado com a rotação dos espaços e com as condições climatéricas do momento, no entanto como na fase do planeamento da aula, tivemos sempre em



consideração essa variável nunca fomos apanhados desprevenidos, durante o nosso percurso fomos sempre tendo em atenção a previsão meteorológica e fizemos um planeamento que tivesse em consideração os vários cenários possíveis, existindo situações em que foi necessário fazer três planos de aula distintos, para que não fossemos apanhados desprevenidos. Gostaria de salientar o ambiente saudável existente dentro do grupo disciplinar, sendo sempre possível mediante conversa previa arranjar uma solução a qualquer situação relacionada com a gestão e rotação dos espaços.

### **3.3. Avaliação**

Segundo, Ribeiro (1999), “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.”

Existe um percurso que os alunos têm que seguir no decorrer do processo ensino-aprendizagem e, assim torna-se necessário verificar se os alunos estão no bom caminho ou se apresentam dificuldades no decorrer deste processo. A avaliação descreve conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos adquiriram. Estas informações ajudam os professores a procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver as dificuldades.

O Despacho Normativo n.º1/2005 advoga que, “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.”

#### **A avaliação visa:**

- ✓ Apoiar o processo educativo;
  
- ✓ Sustentar o sucesso de todos os alunos;

- ✓ Permitir o reajustamento dos projetos curriculares de escola e de turma (através da seleção de metodologias e recursos);
- ✓ Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno;
- ✓ Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo.

**Várias são as modalidades da avaliação:**

- ✓ Avaliação Diagnóstica;
- ✓ Avaliação Formativa;
- ✓ Avaliação Sumativa.

No que se refere à especificidade da disciplina, a avaliação decorre dos objetivos de ciclo e de ano (onde explicitam os aspetos em que deve incidir a observação dos alunos nas situações apropriadas). Estes objetivos enunciam as qualidades que permitem ao professor interpretar os resultados da observação e elaborar uma apreciação representativa das características evidenciadas pelos alunos.

Os objetivos de ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, incluindo o tipo de atividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades, comuns às áreas e subáreas da EF e as que caracterizam cada uma delas.

O reconhecimento do sucesso dos alunos é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objetivos gerais.

O grau de sucesso ou desenvolvimento do aluno na Educação Física corresponde à qualidade revelada na interpretação prática dessas competências nas situações características (inscritas na própria definição dos objetivos, por exemplo, em situação de jogo 4x4, em exercício critério, etc.).

Os critérios de avaliação estabelecidos pela escola, pelo Departamento de Educação Física e pelo professor permitiram determinar o grau de sucesso. Os critérios de avaliação são regras de qualificação da participação dos alunos nas

atividades escolhidas para a realização dos objetivos e do seu desempenho nas diversas situações.

A avaliação dos alunos em Educação Física realiza-se de maneira equivalente às restantes disciplinas dos planos curriculares, aplicando-se as normas e princípios gerais que a regulam.

### 3.3.1 Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica que serviu para aferirmos o nível dos alunos nas várias UD, com o objetivo de definirmos as metas a atingir e elaborarmos o seu planeamento, revelou-se como o nosso primeiro contacto com a avaliação.

Nesta avaliação foram utilizados exercícios critério estabelecidos no início do ano letivo, pelo Núcleo de Estágio, no protocolo de avaliação de diagnóstico. Esses exercícios critérios permitiram avaliar de uma forma mais rigorosa os gestos técnicos mais importantes e as tomadas de decisão em situação de jogo reduzido, seja em situação atacante ou defensiva.

A grelha de avaliação diagnóstica (anexo 2), foi alvo de um rápido ajustamento no decorrer do primeiro período, com o objetivo de se tornar uma ferramenta de trabalho mais fácil de utilizar, ficando com três níveis de classificação, sendo que o nível 1 quer dizer, que o aluno apresenta enorme dificuldade no gesto técnico, não respeitando a maioria dos critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério, o nível 2 indica, que o aluno apresenta alguma dificuldade no gesto técnico e pouca eficácia e, respeitando alguns dos critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério e o nível 3 refere-se aos alunos apresentam correção na realização do gesto técnico, respeitando todos os critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério.

Na nossa primeira utilização da grelha de avaliação diagnóstica, fomos confrontados com uma série de constrangimentos, que impediram que nós estivéssemos muito presentes na aula, pois como tínhamos tantos campos para preencher, só estávamos focados no registo de informação na folha, fazendo com que o nosso desempenho só estivesse relacionado com a explicação dos exercícios e com o registo de informação, não existindo qualquer tipo de *feedback* ou instrução no decorrer do exercício. Como a grelha tinha muitos campos para preencher, tive muita dificuldade em verificar todos os critérios que pretendia, primeiro porque ainda

não sabia o nome dos alunos o que me obrigou a estar sempre a perguntar o nome ou número e também porque tinha muitos campos para a avaliar e acho que ainda não tinha o “olho” suficientemente treinado para observar tanto pormenor num só gesto. Sendo que reformulámos a grelha, diminuindo o número de campos a preencher, para que fosse um tabela que nos ajudasse no nosso trabalho e não uma que nos trouxesse dificuldades, seguindo as sugestões do nosso orientador de escola na reunião de Núcleo de Estágio.

Realmente na primeira aula após a apresentação, onde foi realizada a avaliação diagnóstica de basquetebol, fiquei bastante desapontado com o meu desempenho, pois a aula não correu como era expectável, ficando com o sentimento que tinha ficado uns furos abaixo do que seria exigível. No entanto após a nossa reunião semanal onde conversámos sobre as nossas dificuldades, foi-nos explicado que o nosso desempenho tinha ido de encontro ao que costuma ser uma primeira aula e que a nossa única preocupação deveria ser, em reformular a grelha de avaliação, pois da forma como estava construída estava a ser prejudicial para o nosso desempenho, grelha essa que rapidamente foi reformulada e simplificada com o intuito de nos facilitar o registo da informação necessária. Nas restantes avaliações diagnósticas do primeiro período, houve uma ligeira evolução relativamente à primeira avaliação inicial, pelo facto de termos uma grelha com menos campos para preencher, no entanto ainda senti algumas dificuldades em retirar informação, na análise das situações de jogo reduzido, tendo mais facilidade em avaliar as situações de exercício critério.

No segundo e terceiro período a abordagem à avaliação diagnóstica já foi abordada de uma forma totalmente diferente, pois já consegui ir dando *feedback* e instrução no decorrer dos exercícios e ao mesmo tempo ir preenchendo a grelha com a informação necessária para realizar a avaliação diagnóstica, ou seja, enquanto nas aulas do primeiro período, não se dava pela minha presença, pois só estava concentrado no preenchimento da grelha, nos períodos seguintes a minha presença já era sentida, conseguindo ensinar e corrigir os alunos ao mesmo que fazia o preenchimento da ficha.

Após a recolha da informação, conforme o nível dos alunos em cada UD, foram definidas quais as metas a atingir e qual a forma/estratégia para alcançar esses resultados.

### 3.3.2 Avaliação Formativa

Para Perrenoud (1999), a avaliação formativa pode ser entendida como “toda prática de avaliação contínua que pretenda melhorar as aprendizagens em curso, contribuindo para o acompanhamento e orientação dos alunos durante todo seu processo de formação. É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

A avaliação formativa assume um caráter contínuo e sistemático, não sendo uma avaliação classificativa. Esta avaliação fornece ao professor e alunos informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar o processo ensino – aprendizagem e o trabalho a desenvolver, assim como detetar erros de modo a permitir a utilização de outros processos de ensino e acompanhar de perto cada aluno, verificando as suas dificuldades. A partir daí, poderão ser criadas situações específicas de aprendizagem para cada aluno ou grupo de alunos.

Em casos excepcionais, pode-se estabelecer objetivos operacionais diferentes para a turma.

Permite assim “individualizar” o processo ensino – aprendizagem, ficando todo o processo sujeito a esta avaliação, o que permitirá fazer as adaptações necessárias ao seu sucesso. Para além disso será um instrumento muito útil na última semana de cada unidade didática (avaliação sumativa), uma vez que me permite poupar tempo em avaliar certos pontos dos vários níveis de avaliação, prestando assim mais atenção aos alunos de forma a dar mais *feedbacks* durante as aulas de avaliação sumativa.

A modalidade de avaliação formativa escolhida foi a informal, onde não houve um registo formal dos desempenhos, desta forma foi possível ir verificando quais as principais dificuldades dos alunos e ir escolhendo exercícios que colmassem essas fragilidades, desta forma foi possível fazer uma regulação interativa, onde os processos de ensino-aprendizagem estavam totalmente integrados no processo de avaliação formativa. Desta forma, foi possível através da observação, detetar as dificuldades imediatamente e formular adaptações imediatas e individualizadas, para a correção dessas mesmas dificuldades. No decorrer das aulas ia registando algumas informações na folha do plano de aula e no final da aula complementava a

informação, no que diz respeito ao desempenho dos alunos e quais as necessidades de melhoria.

### 3.3.3 Avaliação Sumativa

A produção do instrumento de avaliação sumativa procurou a avaliação mais criteriosa dos desempenhos dos alunos do que na avaliação diagnóstica. Foi realizada no final de cada unidade didática, percebendo a evolução desde a avaliação diagnóstica até ao momento da avaliação sumativa. A grelha de registo de dados (anexo 3), tal como na avaliação diagnóstica apresentava uma relação entre os elementos constituintes da turma e os elementos técnicos e/ou táticos a avaliar, mas era agora definido o desempenho de cada aluno num de cinco níveis (1 a 5), de acordo com os critérios de avaliação de Educação Física escolar, em que cada nível definia a proficiência do aluno. Este documento possuía um anexo em que constavam, tal como na avaliação diagnóstica, os critérios de êxito dos elementos avaliados.

A avaliação sumativa foi sempre muito suportada pelos dados da avaliação contínua sendo claramente reflexo da evolução dos alunos e seu desempenho ao longo da unidade didática e não exclusivamente do seu desempenho no momento de avaliação.

Traduzindo-se a avaliação sumativa num juízo mais globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes do aluno, fazia todo o sentido realizar a avaliação sumativa dos diferentes blocos de matérias no final das suas progressões. Este processo avaliativo era um pouco mais complexo que os anteriores pois exigia o cruzamento de informações dos vários domínios da avaliação, para os quais estavam atribuídas diferentes ponderações (domínio psicomotor 70%, e os restantes 30% para o domínio sócio-afetivo).

A avaliação do domínio psicomotor teve por base a recolha de todas as informações relativas aos desempenhos dos alunos ao longo da progressão em determinada matéria, estas informações eram posteriormente cruzadas com as recolhidas na última observação direta do desempenho dos alunos nas aulas de avaliação sumativa. A cada aluno seria atribuído um nível em função do número de componentes críticas, definidas nos critérios de avaliação, que cada aluno

conseguia cumprir através dos seus desempenhos nos diferentes elementos técnicos/táticos.

A avaliação do domínio sócio-afetivo teve por base o registo da assiduidade e pontualidade dos alunos, complementado com algumas notas que ia registando acerca da atitude e postura dos alunos perante o professor e seus colegas, bem como os índices de empenho e participação nas aulas de EF.

A avaliação sumativa resultava então do cruzamento de todas estas informações, salvaguardando as diferentes ponderações que cada uma tinha no momento de avaliar globalmente os alunos. Apesar de requerer uma análise bastante exigente e complexa deste vasto leque de informações, esforcei-me por garantir o máximo rigor e justiça à avaliação sumativa de cada aluno.

### **3.4. Componente ético-profissional**

O facto de ter desenvolvido durante este ano letivo, a minha profissão de sonho, levou a que estivesse bastante motivado e empenhado em aprender, dando origem a uma entrega total, que julgo ter sido perceptível ao nosso orientador de escola, pois várias vezes nos referiu, que achava éramos pessoas sérias, honestas e trabalhadoras e que isso seria refletido nas nossas aprendizagens.

Acho que nesse aspeto fomos irrepreensíveis, pois sempre demonstrámos uma disponibilidade total para os alunos e para a escola, passando muito mais tempo na escola, do que aquilo que era exigido. Acho que todos nós demonstrámos que dominávamos os conhecimentos gerais e específicos e sempre que tínhamos algumas dúvidas, trabalhámos na maioria das vezes em grupo, para estarmos melhor preparados na altura de abordar essa matéria, por exemplo, na nossa formação académica nunca tínhamos abordado a barra fixa e as paralelas e quando no segundo período precisámos de abordar essas matérias, lá fomos nós para o ginásio treinar as execuções e as ajudas, para que conseguíssemos ter um bom desempenho na realização da aula.

O meu gosto em aprender coisas novas fez com que aproveitasse todas as oportunidades para ampliar os meus conhecimentos, gerais e específicos, através das pesquisas que realizei individualmente e em conjunto com os meus colegas do Núcleo de Estágio e da troca de ideias com estes. Com o desenvolvimento dos

conhecimentos, aprimorei também o meu sentido crítico e reflexivo, à medida que fui ganhando mais confiança nas minhas capacidades sentia maior à-vontade e autonomia para ponderar as minhas decisões e autoavaliar o meu desempenho.

Julgo que a minha postura e atitude contribuíram de forma significativa para a autoformação e desenvolvimento profissional durante o Estágio Pedagógico, contudo, esta seria de todo impossível se os meus colegas e restantes professores não demonstrassem a disponibilidade que demonstraram para transmitir muitos dos ensinamentos perspectivas diferentes e inovadoras do mesmo tema, resultantes da experiência acumulada. O acolhimento e disponibilidade que senti por parte dos que me rodeavam só poderiam ser retribuídos com a mesma disponibilidade e abertura da minha parte.

Embora por motivos profissionais, nem sempre tinha tido a mesma disponibilidade que os meus colegas para nos reunirmos, julgo que ainda assim fizemos um bom trabalho de equipa, sendo que houve alturas em que foi necessário trabalharmos mais em equipa e noutros períodos não nos reunimos tantas vezes, mas fomos sempre fomos trocando impressões e partilhando conhecimentos. O trabalho em equipa era mais intenso no início e final de cada período, nos quais poderíamos refletir acerca da preparação do período que se avizinhava e a avaliação quando este terminava. O clima positivo dentro do Núcleo de Estágio era promotor de iniciativas individuais de cada um. Neste aspeto, tive oportunidade de expor algumas opiniões, tal como os meus colegas, que acabaram por se revelar importantes na conceção de alguns documentos e noutras tarefas à responsabilidade do núcleo.

As minhas responsabilidades enquanto professor e colega aumentaram simultaneamente com o sentimento de pertença à comunidade escolar. Os que nos rodeavam conheciam-nos um pouco melhor e sabiam que podiam contar connosco para desenvolver qualquer tipo de atividade na qual a nossa participação fosse pertinente, sendo pedida a nossa colaboração diversa vezes para atividades relacionadas com o desporto escolar, que prontamente aceitávamos e que nos permitiu vivenciar outro tipo de experiências e aprofundar os laços com os restantes professores de EF.

Já tendo uma experiência profissional com mais de dez anos no setor privado e tendo exercido por largo tempo desse período, o papel de chefe de equipa, tinha bem presente quais os principais aspetos que um funcionário deve demonstrar, em



primeiro lugar a sua assiduidade e pontualidade, em segundo a sua responsabilidade e se assume o seu trabalho e respetivos erros e por último a sua vontade de aprender e evoluir. Pois acho, que pelo menos estes três aspetos têm que estar presentes para que seja possível desenvolver um trabalho eficaz, nesse sentido, tive sempre em mente estas atitudes e considero que a minha maneira de estar durante o Estágio Pedagógico foi correta, primei pela assiduidade, pontualidade e respeito pelos compromissos que assumi, tratando sempre de forma educada e cordial todos os que me rodearam.

A minha conduta ético-profissional proporcionou-me criar uma boa relação profissional com todos os professores e funcionários com quem tive o privilégio de trabalhar. Creio que fui um bom representante, do nome da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, na qual me formei.

#### 4. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

Após ter anteriormente descrito e desde logo justificado algumas opções no que concerne ao planeamento, realização e avaliação, pretendo agora descrever algumas opções tomadas âmbito do processo ensino-aprendizagem.

Tendo tido na minha turma uma aluna com necessidades educativas especiais (NEE), tive que tomar uma série de opções que permitissem que a aluna se sentisse integrada e tivesse a oportunidade de adquirir conhecimentos, no entanto irei aprofundar esse tema com mais pormenor num capítulo seguinte.

Ao longo deste ano letivo procedemos à tomada de diversas decisões, sempre com o intuito de adaptar o processo de ensino-aprendizagem aos nossos alunos e face às situações que surgiam durante a prática pedagógica, assim sendo, todas as decisões tomadas procuraram ir ao encontro da promoção da diferenciação na aprendizagem e da atitude inclusiva perante os diferentes alunos, com o objetivo de que todos os alunos tivessem a possibilidade de adquirir habilidades técnicas e conhecimentos, pois só desta forma poderíamos proporcionar uma igualdade em termos de acesso na aprendizagem.

No que diz respeito às tarefas de aprendizagem proporcionadas ao longo do ano letivo, importa realçar algumas opções tomadas relativamente à parte inicial e parte fundamental da aula. Neste sentido, e no que diz respeito à parte inicial da aula, optámos sempre que possível realizar exercícios que não só permitissem uma elevação da temperatura e preparação das estruturas articulares, para os exercícios seguintes, mas também que apresentassem um carácter específico da modalidade, permitindo abordar desde logo conteúdos (de uma forma simplificada), essenciais para atingir os objetivos da aula. Quando abordámos os jogos desportivos coletivos com invasão de campo do adversário (futebol, basquetebol e andebol), por norma além de conter as características atrás descritas, também tiveram uma componente de decisão, onde os alunos tinham que estar sempre focados no que se estava a fazer, por exemplo no basquetebol, usámos algumas vezes o seguinte exercício, em grupos de sete a nove alunos, dois alunos ficam a com um colete na mão e tinham que apanhar os alunos que não tinham bola (quatro a cinco alunos), no entanto existiam dois alunos com bola de basquetebol que tinham que se movimentar sempre em drible e tinham que passar a bola a quem estava a fugir, pois quem tinha a bola em seu poder não podia ser apanhado. Isto permitia que eles efetuassem o

aquecimento corporal, praticassem algumas habilidades técnicas específicas do basquetebol e que tivessem que estar muito atentos à situação existente para que tomassem uma decisão que permitisse evitar que um companheiro fosse apanhado.

Na fase fundamental da aula, a estratégia passou por proporcionar uma complexidade de tarefas, estilos de ensino e *feedbacks* de forma diferenciada face aos grupos de nível e as suas dificuldades/especificidades evidenciadas. Como a minha turma só tinha três raparigas, sempre que foi necessário fazer grupos, além de tentar fazer grupos com alunos com diferentes níveis de desempenho, mas que enquanto grupo tivessem níveis de desempenho equiparados, distribuí uma rapariga por cada grupo, para que elas tivessem a possibilidade de praticarem com alunos que por norma apresentavam um nível de desempenho motor superior ao delas. Por outro lado tive sempre o cuidado de criar condicionantes que permitissem que elas fossem partes integrantes das equipas, como por exemplo, a obrigatoriedade de bola passar sempre por elas em situação de ataque e outras condicionantes em que elas não tivessem medo de estar na posse da bola, em que era obrigatório dar um metro de distância às raparigas. Desta forma acho que fui conseguindo que elas fossem parte integrante dos jogos, pois de outra forma dificilmente teriam contacto com o jogo ou com a bola. No caso da ginástica, como não havia diferenciação de nível, as alunas tiveram a possibilidade de ficar juntas no mesmo grupo.

De uma forma geral optei pela realização de tarefas de aprendizagem em grupos heterogéneos. Esta opção surgiu face a não promover um afastamento total entre os grupos durante toda a aula, promovendo situações que permitissem não só aumentar os níveis de motivação e empenho essencialmente dos alunos com mais dificuldades, como também esperando que estes adquirissem aprendizagens pelo facto de realizarem os exercícios com os colegas que apresentavam um nível de proficiência psicomotora mais elevada.

No âmbito das tarefas de aprendizagem, tentámos planear os exercícios com uma sequência lógica de aprendizagem, cuja sequência dependeu da capacidade de assimilação dos alunos e aquisição dos comportamentos motores, procurando promover inicialmente a execução dos comportamentos técnicos/táticos a partir de situações facilitadoras de aprendizagem, de forma a simplificar as condições de jogo formal. Tentando sempre arranjar situações de aprendizagem com relevância contextual, ou seja, o mais próximas possível da situação real. Assim sendo, e tendo como exemplo as modalidades coletivas, procurámos abordar os conteúdos através

de jogos comparados; jogos reduzidos; jogos em superioridade numérica; jogos condicionados e jogo formal. No fundo tentámos simplificar as situações de jogo formal, para que gradualmente fossemos complexificando, à medida das aquisições dos alunos, com o objetivo de chegarmos ao jogo formal.

Durante as diferentes modalidades abordadas e tendo em consideração o momento do ano letivo/matéria, os níveis psicomotores existentes na turma e as características dos alunos nomeadamente no que concerne à autonomia e responsabilidade, optei também por diversos estilos de ensino. De uma maneira geral no início do ano tentei inculcar um estilo de ensino mais por tarefa e comando, tentando não dar tanta liberdade aos alunos, à medida que fui conhecendo a turma e os seus comportamentos, fui introduzindo o estilo de ensino inclusivo e de descoberta guiada. Esta diversidade de estilos de ensino proporcionados ao longo deste ano letivo contribui de forma inequívoca para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo das matérias abordadas, importa também realçar que no âmbito dos estilos de ensino optei por atribuir momentos da aula em que seria dada mais liberdade no que concerne ao controlo das tarefas dos alunos mais avançados em termos psicomotores, permitindo-nos intervir com maior frequência e pertinência junto aos alunos com mais dificuldades.

Relativamente ao *feedback*/instrução, julgo que no início do ano com as dificuldades sentidas, nem sequer utilizei qualquer estratégia, mas a partir do segundo período tentei utilizar um *feedback* mais recordatório e de questionamento para os alunos com um nível de desempenho superior, optando por um *feedback* nomeadamente corretivo relativamente aos alunos com mais dificuldades.

Muitas das opções aqui relatadas, estiveram relacionadas com o que foi discutido nas nossas reuniões de Núcleo de Estágio, pois à medida que nos íamos deparando com as dificuldades, fomos conversando de como as poderíamos resolver, sendo peças chave neste processo o nosso orientador e orientador de escola que nos foram dando sugestões muito precisas e objetivas. Sempre que expusemos alguma dificuldade foi-nos apontado um ou mais caminhos, para solucionarmos as nossas dificuldades.

## 5. REFLEXÃO

### 5.1. Ensino-Aprendizagem

O estágio pedagógico constituiu uma oportunidade e uma etapa marcante na nossa formação, tanto a nível académico como a nível profissional, permitindo-nos obter um leque de experiências e aprendizagens que nunca poderíamos ter fora deste ambiente, constituindo um período único e significativo na vida pessoal e profissional de qualquer professor, sendo um contexto por excelência para o desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo, elemento fundamental do conhecimento dos professores, surgindo como método de transição do aluno para professor.

O primeiro aspeto que gostaria de salientar, está relacionado com a avaliação, pois o nosso primeiro contacto com os alunos, foi no decorrer das aulas de avaliação diagnóstica e aí verificámos que ainda não tínhamos experiência de docência suficiente, para conseguirmos preencher as fichas de avaliação, construídas de acordo com o que tínhamos aprendido no primeiro ano do mestrado, logo, rapidamente tivemos que adaptar as grelhas ao nosso nível de desenvolvimento enquanto avaliadores, sendo necessário para isso simplificar as grelhas e diminuir o número de critérios a analisar.

Relativamente ao planeamento anual, acho que não tivemos grande oportunidade de evoluirmos/aprendermos, porque tivemos que estar sujeitos ao planeamento anual existente na nossa escola, por outro lado sinto que estou muito mais bem preparado para efetuar o planeamento de uma UD, logo também mais bem preparado para planear as próprias aulas.

Acho que o nosso maior desafio e maior aprendizagem esteve relacionado com a interação com os alunos e forma como geríamos uma turma numa aula de EF. A turma era heterogénea tanto a nível desempenho motor como no a nível do comportamento, e neste sentido aprendi a lidar com estas situações diversificadas, contando sempre com as opiniões do professor orientador assim como dos colegas de estágio. Sei que neste momento estou muito melhor preparado para conseguir liderar uma turma, sabendo de antemão que ainda me faltam muitas horas de docência para poder afirmar que estou totalmente preparado para assumir o papel de professor, como na maioria das profissões com um grau de complexidade elevado e que trabalha com muitas variáveis, acho que um ano de desempenho de

funções não é suficiente para ficarmos totalmente preparados para exercer essa profissão de uma forma eficaz.

Consegui perceber a importância da forma como comunicamos, para conseguirmos captar a atenção dos alunos, aprendendo que as variações de tom são importantíssimas, assim como falar de uma forma pausada e com necessidade de fazer alguns silêncios mais prolongados, para que eles fiquem atentos à nossa instrução.

Para mim ficou comprovado que a criação de rotinas nos alunos é fundamental para que a aula tenha um tempo de empenhamento motor elevado, pois desta forma conseguimos poupar muito tempo, que seria retirado ao tempo de empenhamento motor. O facto de desde início ter feito referência à necessidade de chegarem a horas e que quando chegam à aula se vão sentar para ouvirem um pequeno resumo da aula e quais os seus objetivos, fez com que o tempo perdido na instrução fosse residual, assim como nos exercícios em que as várias filas eram numeradas, foram sempre numeradas da mesma maneira e no mesmo sentido, sendo depois mais fácil a sua organização, quando eu dizia para formarem três filas, a partir do segundo período os alunos rapidamente se posicionavam e já sabiam para que fila teriam que passar na próxima repetição do exercício.

No que diz respeito a conhecimentos científicos relacionados com as modalidades, só na ginástica de aparelhos é que senti necessidade de autoformação e de trabalhos de grupos para abordar alguns elementos que não tinham sido abordados na faculdade, enquanto que nas restantes modalidades os conhecimentos adquiridos no decorrer da minha licenciatura foram os suficientes, bastando fazer uma revisão dos conteúdos aprendidos.

Aprendi também que quanto maior for o interesse dos alunos pelos exercícios, melhor será o seu comportamento, ficando com o uma ideia do tipo de exercícios que os alunos preferem, sendo neste momento mais fácil planear uma aula vá de encontro aos objetivos da aula e com desafio suficiente que consiga manter a maioria dos alunos empenhados e motivados.

Desde o início que verifiquei que a maioria dos alunos, gostavam de EF e estavam recetivos a aprender, sendo notório na sua assiduidade, verificando nalgumas situações em que os alunos se esqueciam do equipamento, tentavam logo arranjar junto da auxiliar de ação educativa a peça que lhes faltava. Os alunos que menos gostavam da aula e que no decorrer do primeiro tiveram algumas faltas de

material, como tinham um desempenho motor fraco, aliado à avaliação da atitude, tiveram a nota merecida. No início do segundo período foi-lhes explicado que se não melhorassem nesse aspeto, seria difícil alterar aquela situação, verificou-se então, uma melhoria na sua assiduidade e atitude em aula o que veio permitir alterar o nível atribuído no primeiro período.

## **5.2. Dificuldades e Necessidades de Formação**

Um dos maiores receios iniciais era a turma com que iria estagiar, pois o tipo de alunos existentes, aliado à minha inexperiência poderia trazer-me dificuldades no controlo da turma. Nas reuniões iniciais fui logo informado que a turma embora tivesse alguns alunos com um comportamento desviante, nunca apresentavam comportamentos graves e que caso marcasse a minha posição desde início, não me iriam trazer qualquer tipo de problema.

A manutenção da disciplina na aula causou-me alguma preocupação, pois, alguns alunos apresentavam vários comportamentos desviantes, para resolver esta situação fui estando mais atento aos seus comportamentos e sempre que tinham comportamentos inapropriados ao segundo aviso era retirados da atividade letiva, sendo obrigados a ficar sentados, como eram alunos que gostavam de fazer a aula de EF, esta medida tornou-se eficaz, pois foram percebendo que caso não se comportassem conforme as regras estabelecidas não lhes era permitido que realizassem a aula. Embora a turma não me trouxesse grandes problemas de comportamento, sei que ainda tenho de continuar a desenvolver a minha autoridade, pois numa situação futura em que tenha uma turma mais problemática, poderei ter mais dificuldades no controlo da turma.

Acho que numa oportunidade futura, terei que ser mais rígido logo nas primeiras aulas, não permitindo qualquer comportamento desviante, mesmo aqueles que não interferem para o bom desenrolar da aula, para que eles percebam desde início quais os limites em que podem agir e ir gradualmente alargando esses limites caso os alunos demonstrem que são merecedores dessa responsabilidade.

Relativamente aos *feedbacks*, acho que preciso de continuar a desenvolver essa capacidade, principalmente nas UD de jogos coletivos em situação de superioridade numérica ou jogo reduzido, sendo necessário aumentar a sua frequência e pertinência. Nas outras situações mais analíticas tenho necessidade de

aumentar o número de fecho de ciclos, embora verifique que esteja significativamente com um número maior de ciclos fechados, ainda preciso de melhorar nesse aspeto.

Senti algumas dificuldades em manter os alunos concentrados na tarefa, no decorrer das aulas de ginástica, sendo necessário arranjar um planeamento de aula em que os exercícios sejam mais cativantes para os alunos, pois principalmente na aula de ginástica de solo, onde era necessário fazer muitas repetições, os alunos facilmente saiam da tarefa, penso que para resolver esta situação terei que arranjar exercícios mais motivadores para os alunos, tendo pensado e discutido bastante sobre esta assunto não consegui chegar a outra solução, tendo optado por nunca fazer aulas de noventa minutos de ginástica, para que não se tornassem aborrecidas e que levassem as comportamentos desviantes. Penso que a solução passará por uma aula sem estações, mas ainda não descobri qual será a melhor maneira. O nosso orientador de escola demonstrou-nos de como poderíamos resolver a nossa dificuldade, dando aulas sem estações, mas julgo que não tinha controlo da turma suficiente para dar uma aula desse género e optei por nunca experimentar.

### **5.3. Trabalho Individual e de Grupo**

Atualmente, as escolas são constituídas por diferentes grupos de trabalho, que constituem diferentes equipas multidisciplinares. Neste ano letivo integrei muitas dessas equipas, através do grupo de diretores de turma, do departamento de expressões e do grupo disciplinar de Educação Física. Estas equipas eram todas constituídas pelos docentes dessas mesmas escolas e tinham como função principal a de criar, articular e acompanhar a aplicação das diferentes medidas educativas.

Desta forma um professor está sujeito a um constante trabalho individual, acompanhado muitas das vezes por trabalhos de grupo. Os trabalhos individuais e de grupo realizados neste ano letivo, foram de extrema importância para o meu desenvolvimento enquanto docente e para os resultados escolares alcançados pela minha turma, uma vez que todo o trabalho realizado tinha o mesmo objetivo, o de proporcionar todas as condições pedagógicas necessárias para o seu sucesso escolar.

O trabalho por mim realizado individualmente durante este ano letivo, ficou caracterizado segundo duas perspetivas, a de aluno do curso de Mestrado em



Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e a de professor da turma do 8º A da escola EB 2,3 Dr.ª Mª Alice Gouveia.

Na perspetiva de aluno, alcancei quase todos os objetivos a que me propus. Fui eticamente exemplar, sendo assíduo, pontual e cordial nas relações com os meus colegas e alunos. tendo aplicado da melhor forma que sabia aplicar, todos os conteúdos apreendidos enquanto aluno do referido mestrado e da licenciatura em Ciências do Desporto. Relativamente à perspetiva da docência, acho que conseguir alcançar os objetivos mais importantes que me permitirão exercer esta profissão num futuro próximo. Elaborei de forma consistente todos os processos organizativos, planeamentos, avaliações, métodos de ensino e suas aplicações, conseguindo corresponder com o nível a que se exige a um docente do nosso sistema de ensino, estando atento a todos os processos e fases de desenvolvimento dos meus alunos, não saltando ou ignorando qualquer detalhe.

No que diz respeito ao trabalho de grupo acho que fizemos um excelente trabalho, pois embora estivesse em causa uma classificação individual que nos irá diferenciar e seriar para uma seleção futura, nunca em momento algum notei que algum de nós não estivesse a ser honesto e muito responsável perante o nosso trabalho, sendo possível desenvolver um trabalho de ajuda mutua e procura de conhecimento, com o intuito de todos beneficiarmos do trabalho de equipa. Nas reuniões semanais todos nós percebemos que o objetivo de estarmos a referir os aspetos menos positivos, estava somente relacionado com a possibilidade de evoluirmos, sendo várias vezes elogiado pelo nosso orientador de escola a forma séria e honesta, que analisávamos criticamente as nossas aulas e dos nossos colegas. No final deste ano letivo, não tenho dúvidas que as pessoas que integraram este Núcleo de Estágio foram fundamentais, para o sucesso da minha transição de aluno para docente.

#### **5.4. Ética Profissional**

Penso que durante este ano lectivo, no que diz respeito ao contexto ético-profissional, todo o Núcleo de Estágio foi irrepreensível, demonstrando sempre uma grande seriedade e honestidade no trabalho desenvolvido. Os conhecimentos científicos por mim dominados, estiveram sempre de acordo com o nível que se lhes exigia. Apesar das inúmeras investigações e pesquisas realizadas durante este ano

letivo, assumo que ainda detenho algumas dificuldades no domínio de determinadas modalidades, mas pretendo no futuro frequentar ações de formação relacionadas com as modalidades onde apresento mais dificuldades, para assim debelar eventuais fragilidades.

Todas as minhas acções, tinham como foco central o aluno, apresentando sempre disponibilidade para eles e para as suas aprendizagens. As minhas acções não se limitaram às aulas de Educação Física ou às reuniões de Conselho de Turma, tendo marcado a minha presença em muitas actividades extra-curriculares.

Na minha convivência com os outros elementos adoptei sempre uma postura de grande educação e empenho. Ajustei-me às diferentes equipas interdisciplinares e cooperei com todos os elementos, por iniciativa própria e sempre que solicitado.

De forma alguma faltei às minhas responsabilidades para com alunos, colegas, outros docentes ou auxiliares da acção educativa. Todas as minhas movimentações orientavam-se no sentido de que os meus alunos obtivessem o maior sucesso possível. Procurei sempre ajustar as minhas propostas a todos os alunos, de acordo com os seus diferentes ritmos e características de aprendizagem, procurando sempre ser imparcial com os mesmos. Nunca faltei a uma aula ou a uma reunião, ou sequer cheguei atrasado.

Neste campo, julgo que não houve necessidade de desenvolvimento, pois esta é a minha maneira de estar, qualquer que seja a minha profissão, sempre fui assim e não penso vir a alterar a minha maneira de estar.

### **5.5. Questões Dilemáticas**

Chegando a esta fase do estágio pedagógico, embora ache que tenha percorrido um caminho fundamental para a minha formação, julgo que ainda não encontrei todas as respostas para as diversas situações com que me deparei, nesse sentido irei colocar algumas questões, para as quais ainda não tenho resposta, mas que penso poder vir a responder num futuro próximo.

### 5.5.1 Responsabilização dos Encarregados de Educação

A primeira questão que me ocorre está relacionada com a perda de autoridade da escola sobre os alunos, deverá a escola ser mais rígida no cumprimento dos valores elementares que regem uma sociedade?

No decorrer do estágio fui ouvindo algumas conversas na sala de professores, sobre comportamentos graves de alunos, sem que os respectivos encarregados de educação demonstrassem qualquer preocupação e acabando por responsabilizar a escola pelas ações dos seus educandos, situações essas relacionadas com falta de respeito e de educação com professores e funcionários. Será, que se a escola tivesse forma de responsabilizar os pais pelo comportamento dos filhos, deixariam de existir este tipo de situações? Tendo estudado nesta escola, facilmente consegui fazer comparações entre o meu tempo e os dias de hoje, não sendo defensor da ideia, de que no meu tempo é que era bom, mas realmente soube de algumas situações que seriam impensáveis nos meus tempos de estudante. Os próprios pais eram mais exigentes com os filhos, por norma os próprios pais é que indicavam à escola que gostariam de ser informados, caso os seus filhos tivessem faltas de respeito com qualquer elemento da escola. Tive a oportunidade de assistir a algumas reuniões do Diretor de Turma com os encarregados de educação e no decorrer dessas reuniões tive a oportunidade de assistir a situações de responsabilização da escola, quando o motivo principal estava relacionado com o comportamento e atitude do aluno, que no meu entendimento deveria ser resolvido pelos pais e não pela escola.

### 5.5.2 Grupos Heterogéneos ou Homogéneos

Também ainda não ficou claro para mim que tipos grupo devo usar, se sempre grupos heterogéneos, se grupos homogéneos ou ir alterando entre um e outro. O que eu fui fazendo, foi utilizar maioritariamente grupos heterogéneos e nalgumas situações grupos homogéneos. Sempre que pretendia promover uma aquisição de uma determinada habilidade, dei primazia aos grupos homogéneos, enquanto que nas situações de jogo dei preferência a grupos heterogéneos, no entanto, ainda não tenho a certeza se foi a melhor forma de organização. Penso que a utilização de grupos homogéneos é melhor para todos os alunos, no que diz

respeito ao desenvolvimento psicomotor, no entanto no que diz respeito à cooperação, entreajuda e integração, julgo que não será a melhor forma. Já os grupos heterogêneos favorecem a cooperação, integração e entreajuda, sendo menos eficazes no desenvolvimento de capacidades psicomotoras, sendo que nesta escola damos uma relevância de 70% ao domínio psicomotor e 30% às atitudes, qual o tipo de grupo a utilizar?

### 5.5.3 Avaliação Formativa

Quando e como utilizar o modelo de avaliação formativa?

No decorrer do estágio pedagógico, não tive oportunidade de utilizar o modelo de avaliação formativa formal, tendo utilizado o informal, por isso fiquei sem conseguir perceber as vantagens e desvantagens de um e de outro modelo. Penso que o fato de termos uma data específica para a avaliação formativa e respetiva comunicação dos dados aos alunos, permitiria informar os alunos do patamar onde estavam e informá-los do que eles poderiam atingir, por outro lado no estilo informal é possível estar a acompanhar o aluno constantemente e com a retirada de pequenas informações é possível também conseguir informar o alunos do seu posicionamento e perspectivas de melhoria. Como só utilizei um, fiquei sem perceber qual o que apresenta melhores resultados, ficando adiada a resposta a esta questão.

## **6. APROFUNDAMENTO DO TEMA - ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

O tema a que me proponho aprofundar, está relacionado com inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), nas aulas de EF, visto que no presente ano letivo tive na minha turma uma aluna com NEE.

A designação Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) refere-se aos alunos que, exigem da parte da escola e dos seus docentes, recursos ou adaptações especiais no processo de ensino/aprendizagem. Estas alterações/adaptações justificam-se, dado estes alunos apresentarem dificuldades ou incapacidades, que se refletem numa, ou mais áreas de aprendizagem, facto incomum à maioria dos alunos da mesma idade.

Para Jimenez (1997), "Partindo da premissa de que todos os alunos precisam, ao longo da sua escolaridade, de diversas ajudas pedagógicas de tipo humano, técnico ou material, como objetivo de assegurar a consecução dos fins gerais da educação, as necessidades educativas especiais são previstas para aqueles alunos que, para além disso e de forma complementar, possam necessitar de outro tipo de ajudas menos usuais. "

Segundo Dias (1999), "estará subjacente ao conceito de NEE, a perspetiva de um contínuo de apoios prestados e recursos educativos especiais fornecidos. Está subjacente o princípio de que as crianças e jovens, devem ser educadas num meio o menos restrito possível, ou seja, o mais normal possível".

Atualmente, a Educação Especial é da responsabilidade do Ministério da Educação e do Ministério da Solidariedade Social. Estes organismos proporcionam serviços de atendimento a crianças e jovens com NEE, centrando-se no Ministério da Educação a constituição de estruturas de atendimento, as Escolas de Ensino Especial e as Equipas de Educação

Assim, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86 de 14 de outubro), processam-se profundas transformações na Educação Especial e no Sistema Educativo em geral, definindo como um dos seus objetivos " assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades ".

De acordo com a legislação Portuguesa, no Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de fevereiro, estabelece como competências da escola, entre outras, orientação e acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem, como podemos analisar no seguinte extrato, do mesmo: "Desenvolver mecanismos que permitam detetar a tempo dificuldades de base, diferentes ritmos de aprendizagem ou outras necessidades dos alunos que exijam medidas de compensação ou formas de apoio adequadas nos domínios psicológico, pedagógico e socioeducativo".

Assim, o Sistema Nacional Escolar, integra os alunos com NEE e, é sensibilizado para a diferença de forma clara através de modificações no sistema tradicional, aplicando o Dec. 319/91, de 23 de agosto, publicado pelo Ministério da Educação. Segundo o princípio de "Escola para Todos", deste modo, privilegia-se a máxima inclusão dos alunos na escola regular, de acordo com o princípio de que a educação deve ser processada num meio o menos restrito possível.

Desta forma, no nosso país, só nos anos 90 é que a escola inclusiva surge, como resposta às necessidades dos alunos, através de um sistema de atendimento, com permanência em turmas regulares (Rodrigues, 2001).

O termo NEE, surge de uma evolução dos conceitos que até então se usavam, quer eles fossem de cariz social, quer educacional. Vem, assim, responder ao princípio da progressiva democratização das sociedades, refletindo o postulado na filosofia da integração/inclusão, proporcionando uma igualdade de direitos, nomeadamente no que diz respeito à não discriminação por razões de raça, religião, opinião, características intelectuais e físicas, a toda a criança e adolescente em idade escolar (Correia, 1997). Ainda segundo o mesmo autor, a escola inclusiva prevê uma educação apropriada e de qualidade a alunos com qualquer necessidade especial, englobando todos os tipos e graus de dificuldades. Segundo este autor, fala-se de uma educação apropriada e de alta qualidade para todos, que situa a educação inclusiva numa norma elevada e que pode ser considerada utópica.

Contudo, existem mentalidades a mudar, tabus e preconceitos a abater, barreiras (físicas, psicológicas, sociais e culturais) a ultrapassar. Enfim, ainda existem muitos medos, indiferenças e ignorância a vencer. Por isso mesmo, é necessário desenvolver um conjunto de sistemas justos, que são os objetivos prioritários, para se abrirem os horizontes num mundo em constante mudança, enriquecendo-o pela participação de todos os seus membros.

Como refere Vieira e Pereira (1996), citando Brennan (1990), se pretendermos que o aluno seja educado de uma forma apropriada e eficaz, existe a necessidade de uma ação educativa especial, quando surge qualquer incapacidade (seja esta de ordem física, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação delas) que afeta a aprendizagem. Essa ação poderá implicar a: modificação de um ou vários aspetos de acesso ao currículo, criação um currículo especial, modificação ou criação de condições de aprendizagem especialmente adaptadas.

Ou seja, as NEE abarcam, portanto, um conjunto de situações, tal como deficiência mental, deficiência visual, deficiência auditiva, problemas motores, problemas de comunicação, perturbações emocionais e dificuldades de aprendizagem.

Uma escola inclusiva é, assim, aquela que pretende dar resposta às necessidades de todos os alunos, independentemente das suas características, nas escolas regulares e, sempre que possível, nas turmas regulares dessas mesmas escolas (Correia, 1997). Para se atingir este objetivo, é necessário estabelecer valores e princípios, de acordo com os direitos básicos.

No entanto, os alunos não são iguais, todos os alunos são diferentes no que respeita aos ritmos de aprendizagem. A atenção às diferenças individuais faz parte das estratégias educativas, que se baseiam no respeito da individualidade de cada aluno e, no caso dos alunos com NEE, exige que lhes proporcione uma educação adaptada às possibilidades de cada um (Rodrigues, 2001).

Para Sebba e Sachedev (1996), " O processo de desenvolver uma educação inclusiva pode envolver a escola como um todo, dado que repensar e reestruturar a forma como se organiza e se apresenta o currículo tem de ter em conta a totalidade das necessidades de experiência dos alunos na sua comunidade. A chegada de alunos com necessidades especiais (de outra escola, por mudanças de colocação ou por políticas da admissão) podem ser um catalisador para este processo, desafiando, por exemplo, os professores a rever as sua gama de estratégias de ensino ou a forma de agrupar os alunos para a aprendizagem. O objetivo central é que a escola reflita o valor da diversidade e não a tolerância ou tolerância das diferenças."

Os alunos com NEE, só beneficiam do ensino ministrado nas turmas regulares, quando existe uma congruência entre as suas características, as suas

necessidades, as expectativas as atitudes dos professores e os apoios adequados. Caso contrário, não vivenciamos uma inclusão, mas sim uma exclusão funcional, onde os programas e as atitudes são inadequadas ou indiferentes, às necessidades destes alunos. Estamos perante o princípio da inclusão, quando se assume que a heterogeneidade de características dos alunos, só enriquece a escola, contribuindo para o desenvolvimento de uma comunidade escolar, onde as capacidades de cada um, se unem para a promoção de sucesso (Correia, in Rodrigues 2001).

O princípio da inclusão, apela para uma educação que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos, tendo presente o desenvolvimento global (académico, socioemocional e pessoal).

Para Mikkelsen, (1978) “não significa tornar o indivíduo com deficiência num indivíduo dito normal, mas sim criar condições de vida de forma a que, tanto quanto possível, estas sejam semelhantes às condições dos outros elementos da sociedade, utilizando para tal uma grande variedade de serviços existentes na sociedade”

No caso da minha aluna com NEE, acho que não havia muita informação quanto ao seu grau de deficiência, ou se era uma deficiência temporal ou permanente, embora a aluna tivesse o acompanhamento de uma professora do Ensino Especial, não achei que a informação existente fosse muito objetiva e concreta, dando-me a ideia que as escolas ainda não estarão preparadas para fazerem uma avaliação deste tipo de alunos, para depois se poder planear um Programa Educativo Individualizado (PEI) às características do aluno.

Na minha primeira reunião de Conselho de Turma, onde a Diretora de Turma fez a apresentação da turma, descrevendo as principais características de cada aluno, de forma a ficarmos com uma ideia global da turma, quando chegou a vez de falarmos sobre essa aluna, foi chamada a intervir a professora do Ensino Especial que a acompanhou, informando-nos que ela apresentava algumas dificuldades de integração e que estaria a passar pelo período emocional mais frágil, pois as outras duas raparigas da turma rejeitavam-na e afastavam-na, fazendo com que a aluna estivesse a maior parte do tempo sozinha sem interagir com ninguém.

Nas minhas primeiras aulas foi logo perceptível que ela apresentava um desempenho psicomotor muito abaixo da restante turma, tendo grandes dificuldades de coordenação. Fui-me apercebendo com o decorrer do tempo, nas reuniões de



Conselho de Turma que segundo a percepção dos outros professores ela também apresentava dificuldades cognitivas. Dando-me a entender que as informações iniciais existentes sobre a aluna eram pouco objetivas e concretas, pois tendo ela frequentado esta escola nos anos anteriores, acho que na primeira reunião deveria ser logo referenciado que a aluna apresentava dificuldades cognitivas e psicomotoras, de forma que os professores pudessem fazer um planeamento específico para essa aluna.

Nas minhas aulas a aluna demonstrou sempre um empenho e motivação exemplar, embora sempre com muitas dificuldades em realizar o pretendido. Após conversa com o orientador de escola que já tinha acompanhado esta aluna no ano anterior, fui recebendo algumas pistas de como poderia ir resolvendo as dificuldades que iria ter. Como a aluna apresentou sempre um grande empenho, não tinha que me preocupar com essa parte motivacional, sendo apenas necessário repensar alguns exercícios para ela e arranjar maneira de ela ser integrada com os outros no decorrer da aula.

Nas primeiras aulas foi realmente difícil fazer com que ela se sentisse integrada, mas com o decorrer das aulas, fui sempre criando condicionantes para que ela pudesse ser parte integrante do exercício e aos poucos os restantes alunos lá foram começando a aceitar a diferença da colega, sendo possível verificar por várias vezes, a tentativa de ajuda por outros alunos, na execução de alguns exercícios crítico que ela tinha mais dificuldade. Por exemplo no basquetebol sempre que o passe era dirigido para essa aluna só podia ser realizado o passe picado, para que a bola viesse mais lenta e ela tivesse mais tempo de reação para conseguir receber a bola, outra condicionante criada para ela e para mais uns alunos que apresentavam mais dificuldades, foi proibir a presença de um adversário a menos de um metro sempre que eles tivessem a bola em seu poder, para evitar que eles se sentissem pressionados e só tentassem livrarem-se da bola sem analisarem o posicionamento dos colegas, isto associado à obrigatoriedade de em situação de ataque a bola ter que passar por todos os colegas de equipa.

No voleibol, como a aluna tinha muito dificuldade em dar continuidade às jogadas, era-lhe permitido agarrar a bola e enviá-la para um colega ou para o campo adversário. Já no badminton, tive que arranjar outra estratégia, no início da aula enquanto faziam o aquecimento, falava com algum aluno que sabia que era mais cooperante e tolerante e incumbia-o da missão de trocar batimentos com essa

aluna, sendo que ele tinha que tentar fazer batimentos com uma trajetória lenta, para que a aluna conseguisse devolver o batimento, foi muito reconfortante ver o empenho que alguns alunos demonstraram, ensinando-a e tentando tudo para que ela tivesse mais sucesso no seu desempenho. Nos desportos coletivos uma das minhas estratégias foi colocá-la sempre numa equipa onde existissem pelo menos dois alunos mais tolerantes e que não davam tanta importância à vitória, para que ela se pudesse sentir integrada, durante os meus *feedbacks* fui sempre incentivando-a a defender o seu adversário direto, para que os restantes colegas se apercebessem da sua utilidade e em situações de ataque a minha instrução era para ela procurar o espaço livre para que pudesse receber a bola com mais tempo e poder retê-la sem que ninguém se aproximasse, dando depois seguimento à jogada.

No que diz respeito à integração na aula e interação com os restantes alunos, acho que fui conseguindo que os outros alunos fossem aceitando a diferença dela, sendo mais tolerantes e permitindo que ela se sentisse mais integrada, no entanto, no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicomotor, embora a aluna tenha demonstrado um grande empenho em todas as tarefas realizadas, acho que não consegui que ela tivesse progressos nesse domínio. Julgo que com a carga horária de uma turma regular será difícil alcançar algum desenvolvimento, penso que para ter existido progresso nesta aluna, teria que ter tido as aulas, como teve, integrada com os outros alunos, mas depois julgo que para haver uma evolução na habilidade motora, seria necessário, pelo menos mais uma aula direcionada para ela, ou então com uma turma de quatro ou cinco alunos com as mesmas dificuldades dela, sendo desta forma trabalhada a sua integração e o desenvolvimento da habilidade motora.

Relativamente à sua integração na aula, acho que foi conseguida, pois só em situações muito pontuais e com respetiva informação na caderneta de aluno é que a aluna não fez a aula, demonstrando que gostava das aulas de EF.

Foi sem dúvida um grande desafio, mas ao mesmo tempo muito enriquecedor pois de outra forma, nunca me teria interessado tanto por esta temática.

## 7. CONCLUSÃO

### 7.1. Impacto do Estágio na Realidade Escolar

O Estágio Pedagógico, para além de ter bastante impacto no desenvolvimento profissional e pessoal de cada estagiário, também o tem no contexto escolar. Mesmo as escolas que recebem os professores estagiários têm a possibilidade de estar sempre em contacto com o que se vai ensinando na FCDEF, podendo desta forma acompanhar a evolução do ensino e eventualmente tirar algum aproveitamento destas parcerias. Esta diferença acaba por ser benéfica para todas as partes, os professores do corpo docente da escola têm a oportunidade de observar novos ideais e conceitos, recolhendo novas opções que considerem pertinentes para a adequação da sua intervenção pedagógica, os estagiários têm a possibilidade de aprender com professores bastante experientes, podendo aproveitar todos os ensinamentos que estes têm para oferecer, sendo a partilha destes conhecimentos favorecedora do desenvolvimento de todos os professores e estagiários, permitindo com esta interação que todos tenham a possibilidade de aprender, sendo os estagiários os maiores beneficiários. No nosso caso acho que não poderíamos ter escolhido melhor escola, pois encontrámos um corpo docente bastante experiente e muito cooperante, uma direção que sempre nos tratou de igual para igual, nunca nos inferiorizando relativamente aos outros professores e com condições materiais para podermos desenvolver o nosso trabalho ao longo de um ano letivo. O nosso orientador de escola, foi peça chave no nosso desenvolvimento, pois utilizando uma estratégia de ensino do estilo de descoberta guiada, nunca nos dizendo o que deveríamos fazer, mas dando algumas pistas, para o que poderia ser o melhor caminho para alcançarmos as nossas metas, levando-nos a procurar várias soluções e estratégias que fossem ao encontro da resolução das nossas dificuldades, permitiu que nós tivéssemos a possibilidade de experimentar várias opções e sermos nós a verificarmos qual a opção mais correta para cada um de nós, pois uma estratégia utilizada por mim e nos meus alunos, não era sinónimo que resultasse noutros alunos ou com outros professores.

A disponibilização de meios para a ação dos estagiários foi grande e sempre pronta, tendo nós retribuído com muito profissionalismo e empenho em todas as ações desenvolvidas em ambiente escolar.

Em termos práticos considero que a ação do Núcleo de Estágio em que estive inserido correspondeu claramente às expectativas criadas, demonstrando sempre total disponibilidade para aprender e transmitir algumas ideias novas, devido a uma visão mais atualizada dos referenciais da ação de ensino, provenientes das aprendizagens realizadas ao longo de um percurso académico mais recente. Durante este nosso percurso, participámos sempre que nos foi solicitado, em atividades escolares, mesmo que a tal não fossemos obrigados, pois só desta forma é que teríamos a possibilidade de ter uma vivência mais profunda do que é ser um professor em Portugal, acompanhámos os alunos a visitas de estudo, a palestras, estivemos presentes em atividades relacionadas com o desporto escolar, participámos em várias atividades promovidas por outros grupos disciplinares, tentando envolvermo-nos o máximo possível no meio escolar. Acho que esta interação com o meio escolar, foi facilitadora para que o restante corpo docente e funcionários, nos visse como membro ativo da escola, facilitando a nossa integração e respeito pelo nosso Núcleo de Estágio.

Quando organizámos as Olimpíadas da Casa Branca, foi muito reconfortante ir à sala dos professores nos dias subsequentes, pois fomos reconhecidos constantemente pelos restantes docentes, elogiando o nosso trabalho e que o *feedback* transmitido pelos alunos era muito positivo.

## **7.2. Prática Pedagógica Supervisionada**

A prática pedagógica supervisionada é por mim considerada tendo em conta duas vertentes, uma enquanto observado e outra como observador. Acho fundamental e determinante a ação de supervisão da prática pedagógica pela possibilidade de refletir de uma forma mais sustentada pela crítica de quem observa, da mesma forma que é importante a função de supervisor pela capacidade que se tem de conferir um olhar diferente do observado e que o pode auxiliar bastante na sua ação.

Apesar da minha intervenção pedagógica ter sido autónoma, a inexperiência enquanto professor de EF exigia a orientação e supervisão das atividades desenvolvidas. Inicialmente, a observação das minhas aulas por parte do orientador de escola de escola eram um misto de segurança e desconforto, a sua presença inspirava alguma confiança pois sentia que estava ali alguém me ajudaria a

ultrapassar as dificuldades e a superar qualquer situação mais complicada, por outro lado, o desconforto resultava da pressão que eu próprio criava para não lhe defraudar as expectativas, sentia um receio constante de cometer erros graves que indicassem estar muito longe de poder lecionar. Com o desenvolvimento do ano letivo, o desconforto inicial deixou de existir à medida que fui ganhando confiança nas minhas capacidades, que o orientador de escola e restantes colegas de núcleo ajudaram a desenvolver. A prática supervisionada passou a ser motivante pois comecei a sentir que gradualmente melhorava a minha intervenção pedagógica e que fazia uso dos ensinamentos do núcleo. Apesar de em menor número, a supervisão e orientação do orientador da faculdade despertavam outro tipo de sentimentos, pois sabia que se ela aula não corresse tão bem como previsto, isso iria influenciar a minha avaliação, estando sempre mais tenso e mais preocupado sempre que tal aconteceu, ainda assim, era uma oportunidade única de aprender mais um pouco e obter outra perspetiva da minha aula.

A observação de aulas dos outros elementos do Núcleo de Estágio e do orientador de escola eram também uma forma de assumir o papel de observador da prática pedagógica, sendo mais uma forma de aprender e evoluir enquanto professor, nestas experiências tinha oportunidade de recolher algumas informações acerca da realização das aulas e conhecer novas opções de organização e condução das mesmas. Quando um dos meus colegas iniciava uma matéria antes de eu o fazer com a minha turma, possibilitava-me observar a eficácia de determinadas estratégias, os benefícios que estas traziam para a aula ou as dificuldades que os meus colegas sentiam para as aplicar. Apesar de todas as turmas serem diferentes, em certos pontos estas opções tocavam-se e eu poderia retirar algumas conclusões destas observações, para além de aprimorar o meu sentido crítico e reflexivo.

Observar as aulas do orientador de escola, foi também uma oportunidade para aprender com a manifestação prática dos ensinamentos que nos fazia passar, a sua experiência e domínio dos conteúdos garantiam a qualidade da sua prática pedagógica, enquanto observador, poderia registar a assertividade e pertinência das suas tarefas e forma como conduzia as aulas, canalizando essa informação para o desenvolvimento da minha intervenção pedagógica.

A prática pedagógica supervisionada foi um ponto essencial para conseguir superar as dificuldades com que me fui deparando durante o ano letivo e uma

plataforma de aprendizagens bastante importante, pois foi possível debater com os meus colegas e orientadores as minhas decisões e trocar reflexões com estes no âmbito de evoluir e tornar mais eficaz o meu processo de ensino-aprendizagem.

A frequência do estágio pedagógico é um ponto determinante na minha experiência de vida e acaba por ser muito mais do que o simples cumprimento de um pressuposto legal para obtenção da profissionalização, pois o facto de em muitas ocasiões me ter obrigado a estar fora da minha zona de conforto, permitiu que eu superasse alguns receios e conseqüentemente aumentasse a minha confiança em liderar uma turma.

### **7.3. Experiência Pessoal e Profissional**

A nível profissional considero que este momento é determinante por ser o primeiro momento de contacto com o contexto escolar e de realização de todas as dimensões que fazem parte da ação docente. Neste momento considero-me um futuro professor de Educação Física sempre disposto a aumentar os seus conhecimentos mas consciente de ser capaz de dar início à sua profissionalização com segurança e qualidade, não envergonhando a minha instituição de formação académica.

O estágio acaba por ser o momento de transporte de todos os conhecimentos teóricos obtidos ao longo do meu processo de formação académica para uma ação real, onde foi necessário relacionar tudo o que foi apreendido com a realidade escolar, estando certo que neste momento tenho capacidade de planeamento, realização, avaliação e ética profissional, que me permitiriam desempenhar o papel de professor de EF.

Em cada um dos pontos que constituem a realização das fases de planeamento, realização e avaliação a minha evolução é visível e significativa, embora numa fase inicial tenha sido mais rápida e de uma forma mais gradual na restante fase do ano letivo.

Ainda a nível profissional adquiri uma importante experiência no desempenho do cargo de diretor de turma, por toda a ação desenvolvida junto da diretora de turma, permitindo-me que no futuro possa assumir essa responsabilidade com um conhecimento, que nunca teria caso não tivesse tido uma colaboração tão próxima, como a que a professora Helena Trindade me proporcionou.

Ao nível da organização de eventos também houve uma aquisição de experiência profissional muito significativa. Na primeira atividade organizada pelo Núcleo de Estágio, estivemos mais limitados pois foram atividades com um cenário mais rígido, onde não eram possíveis grandes inovações, mas que nos permitiu ganhar experiência para a atividade seguinte. Na segunda atividade já tivemos a possibilidade de dar largas à nossa imaginação e organizar uma atividade que foi alvo de rasgados elogios de toda a comunidade escolar. Ficando nós com uma boa experiência que nos servirá de base para organizar novas atividades em contexto escolar.

No plano pessoal, esta experiência teve um grande impacto em mim, pois em termos de organização pessoal tive que ser muito rigoroso, para conseguir conciliar o estágio, com a minha profissão e com a minha vida social e familiar. Hoje considero-me uma pessoa mais dinâmica e persistente, que não cede perante as dificuldades e mais focado em alcançar os objetivos a que me proponho. Sempre fui um bocado cético em relação aos trabalhos de grupo, pois sabia que a nível profissional normalmente eram bastante produtivos, já no campo académico a minha experiência não terá sido a melhor, pois fiquei sempre com a ideia que enquanto uns trabalhavam os outros recolhiam os louros, no Núcleo de Estágio que constitui com os meus colegas, tudo foi diferente, desde muito cedo se estabeleceram as regras e rotinas de trabalho, potenciando as nossas capacidades e orientando-as para objetivos e interesses comuns. A pertença a este grupo fez com que minha perspetiva sobre os trabalhos de grupo se modificasse e aumentasse a minha disponibilidade para o trabalho cooperativo.

A intensidade com que vivi esta experiência torna um pouco difícil expressar claramente o impacto que teve em mim, as diversas repercussões no plano profissional e pessoal, contudo, estou plenamente consciente que foi uma experiência desafiante e muito enriquecedora e uma ótima amostragem para a realidade com que me irei deparar num futuro que espero estar próximo.

## 8. BIBLIOGRAFIA

Arens, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Ed. McGraw-Hill, Lisboa, Portugal.

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal.

Correia, L.M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto Editora, Porto, Portugal

*Decreto-Lei n° 43/89, de 3 de fevereiro*. Ministério da Educação

*Decreto-Lei n° 319/91, de 23 de agosto*. Ministério da Educação

*Despacho Normativo n°1/2005*. Ministério da Educação

Dias, J. (1999). *A Problemática da Relação Família/Escola e a Criança com Necessidades Educativas Especiais*. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. Lisboa, Portugal

Frontoura, C. C. (2005). *O estagiário em Educação Física no processo de estágio pedagógico: A perceção das dificuldades dos estagiários da FCDEF-UC na fase inicial e na fase final do estágio pedagógico*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Jimenez, R.B. (1997). *Educação Especial e Reforma Educativa*. Necessidades Educativas Especiais. Dinalivro, Lisboa, Portugal

*Lei n° 46/86 de 14 de outubro*. Lei de Bases do Sistema Educativo.

Marques, A. (2004). *O ensino das atividades físicas e desportivas – fatores determinantes de eficácia*. Revista Horizonte, Vol. XIX – n.º 111, pág. 24 – 27



Mikkelsen, N. (1978). *Misconceptions of the Principle of Normalization in Flash on'the Service for the Mentally Retarded*. The Personal Training School. Copenhagen, Sweden.

Perrenoud, P.(1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Artemed Editora, Porto Alegre, Brasil

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora, Lisboa, Portugal

Rodrigues, D. (2001). *Educação e Diferença in Valores e Práticas para uma educação Inclusiva*. Coleção Educação Especial. Porto Editora.

Sebba, J. e Sachedev, D. (1996). *What Works in Inclusive Education?* Ilford Essex: Barnards.

Vieira, F. D.; Pereira, M. C. (1996). *Se Houvera Quem me Ensinara*. A Educação de Pessoas com Deficiência Mental. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal

## 9. ANEXOS

### 9.1. Anexo 1 – Plano de Aula

<b>Ano/Turma:</b>	<b>Período:</b>	<b>Data:</b>	<b>Espaço:</b>
<b>Hora:</b>	<b>Duração:</b>	<b>UD:</b>	<b>Função Didática:</b>
<b>Nº Aula:</b>	<b>Nº Aula UD:</b>	<b>Nº Alunos previsto:</b>	<b>Nº Alunos dispensados:</b>
<b>Recursos Materiais:</b>			
<b>Objetivos:</b>			

	Tempo		Descrição/Organização	Objetivos	Critérios de êxito	Estilos de ensino
	Hora	Parcial				
Parte Inicial						
Parte Fundamental						
Parte Final						

Fundamentação da aula:

Relatório da aula:

## 9.2. Anexo 2 – Grelha de Avaliação Diagnóstica

Unidade Didática: Andebol

ANO: 8º TURMA: A

AULA Nº 41 e 42

DATA: 11/01/2012

N.º	Determinantes Técnicas	Passe	Recepção	Condução de Bola / Drible	Remate	Jogo Reduzido	Nível (I, E, A)	Componentes Críticas
	Nome							
1		2	1	1	2	1		<p><u>Passé de ombro</u></p> <p>⇒ “Arma” o braço a 90°</p> <p>⇒ Realiza um movimento de torção/distorção do tronco na fase final do passe</p> <p>⇒ Durante o passe, transfere o peso para o m.i. avançado</p> <p><u>Recepção:</u></p> <p>⇒ Dirigir os braços para a bola</p> <p>⇒ Colocar as mãos em concha</p> <p>⇒ Amortece a velocidade da bola, fletindo os m.s.</p> <p><u>Drible:</u></p> <p>⇒ Batimento da bola com os dedos em extensão e afastados;</p> <p>⇒ Movimento de pulso de cima para baixo;</p> <p>⇒ Drible à altura da cintura</p> <p><u>Remate em apoio:</u></p> <p>⇒ Coloca o m.i. contrário ao m.s. que remate, avançado (último apoio)</p> <p>⇒ Arma o braço com o cotovelo à altura do ombro</p> <p>Realiza um movimento de torção/distorção do tronco na fase final do remate</p> <p><u>Jogo Reduzido:</u></p> <p><u>Desmarcação Ofensiva:</u></p> <p>⇒ Criar linhas de passe;</p> <p>⇒ Libertar-se da oposição direta do adversário.</p> <p><u>Marcação defensiva:</u></p> <p>⇒ Acompanhar o adversário, com ou sem posse de bola;</p> <p>⇒ Ter sempre em atenção os movimentos do adversário e da bola.</p> <p><u>Cooperação com os colegas:</u></p> <p>⇒ Cooperar com os colegas de equipa nos momentos de ataque e de defesa.</p>
2		1	2	2	1	1		
3		2	2	2	2	2		
4		2	2	1	1	1		
5		2	1	1	2	2		
6		2	2	2	1	2		
7		2	2	2	3	2		
8		1	1	1	2	1		
10		2	1	1	1	2		
11		2	1	1	2	1		
12		2	1	1	2	1		
13		2	1	1	1	2		
14		3	2	2	2	3		
15		2	2	2	2	2		
16		1	1	1	2	2		
17		1	1	1	1	1		

Nível	Parâmetros de Referência
1	O aluno apresenta enorme dificuldade no gesto técnico, não respeitando a maioria dos critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério.
2	O aluno apresenta alguma dificuldade no gesto técnico e pouca eficácia e, respeitando alguns dos critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério.
3	O aluno apresenta correção na realização do gesto técnico, respeitando todos os critérios de êxito, em situação de jogo ou exercício critério.

### 9.3. Anexo 3 – Grelha de Avaliação Sumativa



EB 2.3 Dr.ª M.ª Alice Gouveia

#### Avaliação Sumativa Andebol



Nº	Nome	Remate	Condução bola/Dribl e	Passe Receção	Nota técnica	Sup numérica		Nota Sup	Jogo reduzido		Nota jogo	Not a UD
						Defesa	Ataque		Defesa	Ataque		
1		3	3	4	<b>3,33</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,10</b>
2		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	2	3	<b>2,50</b>	<b>2,75</b>
3		4	3	4	<b>3,67</b>	3	4	<b>3,50</b>	3	4	<b>3,50</b>	<b>3,55</b>
4		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
5		5	4	5	<b>4,67</b>	4	4	<b>4,00</b>	4	4	<b>4,00</b>	<b>4,20</b>
6		4	4	5	<b>4,33</b>	4	4	<b>4,00</b>	4	4	<b>4,00</b>	<b>4,10</b>
7		5	4	5	<b>4,67</b>	4	4	<b>4,00</b>	4	4	<b>4,00</b>	<b>4,20</b>
8		3	2	3	<b>2,67</b>	3	3	<b>3,00</b>	2	3	<b>2,50</b>	<b>2,65</b>
10		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
11		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
12		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
13		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
14		5	4	5	<b>4,67</b>	4	5	<b>4,50</b>	4	5	<b>4,50</b>	<b>4,55</b>
15		4	3	4	<b>3,67</b>	4	4	<b>4,00</b>	4	4	<b>4,00</b>	<b>3,90</b>
16		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>
17		3	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	3	3	<b>3,00</b>	<b>3,00</b>